

MB

Tendências 2026:

6 teses do mercado cripto

para você organizar seus
investimentos





O que podemos esperar de 2026?

Um ano depois da volta de Trump à Casa Branca, com os Estados Unidos esticando ao limite sua política fiscal e testando a paciência da curva de juros, vai parecer que foi o ano em que o sistema financeiro girou a chave de uma vez. Mas, como escreveu Ernest Hemingway, algumas coisas acontecem assim: primeiro gradualmente, depois de repente. **A geração que vai protagonizar a maior transferência de riqueza da história, os millennials que herdarão patrimônio e o comando dos portfólios, não precisa mais que alguém traduza o que é Bitcoin ou o que são ativos digitais.** Para essa geração, o digital é tão real quanto o físico. O ouro continua tendo seu lugar, aliás ganhou relevância de novo, mas a ideia de uma reserva de valor digital já está dada. E essa geração tem pressa. Não aceita mais um sistema financeiro analógico, lento e opaco. Quer ativos que nascem digitais, liquidez que roda 24 horas por dia e dinheiro que cruza fronteiras com a mesma facilidade de uma mensagem na tela do celular. **A experiência Pix é o mínimo. A experiência de uma stablecoin é o upgrade, mesmo que nem perceba que está usando uma.**

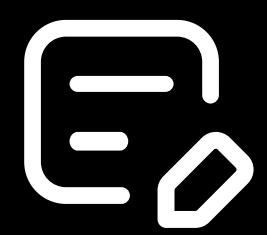
O Brasil não está chegando atrasado nessa conversa. **Desde 2013, o MB | Mercado Bitcoin vem construindo, na prática, a infraestrutura que o resto do mundo agora tenta batizar:** tokenizamos crédito, consórcio e recebíveis, ajudamos a criar uma stablecoin de reais com lastro e governança robustos, conectamos investidores de varejo e institucionais a essa nova camada. Quando Brasília finalmente decidiu escrever as regras, com o Banco Central assumindo a regulação de cripto e a CVM abrindo mais espaço para ofertas tokenizadas, o país cravou seu lugar no mapa.

O Brasil virou referência de ecossistema cripto regulado em mercado emergente, e o MB, que já operava sob supervisão do BC como instituição de pagamento, passou a ser parte da própria história dessa regulação. De um lado estão os que têm pressa, os inovadores que querem atualizar o sistema financeiro na velocidade de uma transação on-chain. Do outro, o conforto do status quo, muitas vezes escondido atrás do discurso de “calma” e “cautela” para manter exatamente o que concentra poder. A diferença é que agora existe alternativa concreta.

É desse ponto de observação e execução que nascem **as teses de 2026 do MB | Mercado Bitcoin.** Elas não são um exercício de futurologia abstrata, são a leitura de quem acompanha o fluxo real de capital, sente o humor dos investidores, discute desenho de regra com reguladores e, no fim do dia, aperta o botão que coloca o produto no ar. Sim, é sobre preço também, mas em outra chave, a dos ciclos longos, da disputa por reserva de valor, da migração estrutural de liquidez para ativos tokenizados e stablecoins. Mais do que tentar adivinhar o próximo candle, o objetivo aqui é apontar as tendências que interessam para quem quer enxergar o sinal em meio ao ruído, e decidir como posicionar seu portfólio nessa transição longa, mas que já está em curso.

Fabrício Tota
VP de Negócios Cripto

Boa leitura!



O1 O Bitcoin alcançará ao menos 14% do mercado do ouro

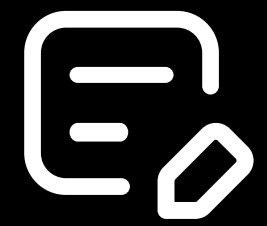
O Bitcoin ganhou espaço como a principal alternativa ao ouro entre as reservas de valor. Sua inflação já é cerca de metade do metal, enquanto sua adoção entra em um novo estágio com a expansão do acesso institucional. A chegada dos ETFs nos EUA e o avanço das empresas que passaram a manter Bitcoin em suas tesourarias permitiu ao ativo ampliar sua participação frente ao ouro. Esse processo não é linear e o ouro pode recuperar espaço em contextos específicos, mas a tendência de longo prazo segue clara. Com Wall Street adotando o conceito de “ouro digital” e o interesse institucional crescente, entendemos que o Bitcoin retomará espaço e alcançará 14% do tamanho do mercado de ouro em 2026.

O2 Mercado de Stablecoins alcançará meio trilhão de dólares

As stablecoins se consolidaram como a principal ponte entre o dinheiro tradicional e o sistema financeiro digital. Desde 2023, o setor cresce de forma consistente mesmo em períodos de baixa do mercado cripto, refletindo casos de uso próprios como dolarização de patrimônio, pagamentos internacionais mais eficientes e geração de rendimento em dólar. A aprovação do Genius Act nos EUA e o avanço regulatório em outras jurisdições ampliaram a previsibilidade e abriram espaço para maior participação institucional. Com novas aplicações e maior integração ao sistema financeiro global, entendemos que o mercado de stablecoins alcançará US\$ 500 bilhões em capitalização em 2026, o que representa um crescimento de mais de 60% em relação ao nível atual.

O3 ETFs de altcoins atrairão mais de US\$10 bilhões

Os ETFs se tornaram o principal canal de acesso institucional ao mercado cripto e começaram a avançar para além de Bitcoin e Ethereum. A aprovação de ETFs de altcoins como Solana e XRP abriu uma nova frente de diversificação regulada, permitindo exposição a redes com uso real e crescimento On-chain. A entrada de grandes gestoras, a competição por taxas e a inovação em produtos elevaram a atratividade desses veículos. Com a alocação institucional ainda em estágio inicial, entendemos que os ETFs de altcoins superarão US\$10 bilhões em ativos sob gestão até o fim de 2026, o que representa um crescimento superior a cinco vezes em relação ao tamanho atual desse mercado.



O4 Mercados preditivos serão o setor de maior crescimento

Os mercados preditivos estão se consolidando como um dos setores de crescimento mais acelerado dentro de cripto. O volume negociado já soma bilhões de dólares e segue avançando de forma estrutural, impulsionado por eventos políticos, esportivos e decisões econômicas. Plataformas reguladas transformaram previsões em mercados líquidos e globais, com incentivos mais alinhados do que nas bets. Com maior clareza regulatória, integração com stablecoins e DeFi e uma agenda intensa de eventos em 2026, entendemos que os mercados preditivos devem representar um dos principais casos de uso em cripto e alcançar até US\$20 bilhões em capital alocado até o fim de 2026.

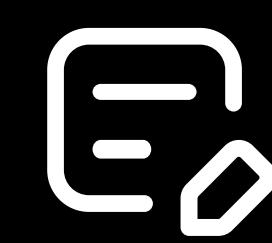
O5 Volume negociado por agentes de IA vai quadruplicar

Os agentes de IA estão evoluindo rapidamente para softwares capazes de executar tarefas, contratar serviços e movimentar recursos sozinhos. Para operar, esses agentes precisam de uma identidade verificável e de um sistema de pagamentos eficiente, necessidades atendidas pelos blockchains e stablecoins. Padrões como o x402 já começaram a registrar volume real de transações, mesmo ainda em fase inicial. Com a expansão de casos de uso em micropagamentos, jogos e marketplaces de agentes, entendemos que o volume diário negociado por agentes de IA On-chain deverá ao menos quadruplicar em 2026, superando US\$1 milhão por dia e inaugurando um novo vetor estrutural de demanda para cripto.

O6 Volume em ativos tokenizados vai aumentar em 200%

A tokenização está deixando de ser experimento e se consolidando como um novo trilho para o sistema financeiro. Em 2025, grandes instituições aceleraram o uso de blockchain para emitir e negociar ativos reais, com fundos tokenizados, crédito, títulos públicos e recebíveis ganhando escala. Esse avanço foi acompanhado por maior clareza regulatória em mercados-chave, destravando projetos antes represados. Entre 2024 e 2025, o volume de ativos tokenizados saltou de cerca de US\$6 bilhões para mais de US\$18 bilhões, um crescimento de 200%. Entendemos que esse mercado pode ultrapassar US\$54 bilhões em 2026, refletindo a migração de ativos tradicionais para infraestruturas mais eficientes.

Sumário

**D1****O Bitcoin alcançará ao menos 14% do mercado do ouro**

06

Introdução	06
Por que o Bitcoin tende a ganhar espaço frente ao ouro?	07
Evidências históricas: o avanço da proporção BTC/Ouro	08
Projeção para 2026	09
O que pode dar errado?	11
O que fazer?	12
Resumo da tese	13

D2**Mercado de Stablecoins alcançará meio trilhão de dólares**

14

Introdução	14
Análise da evolução das stablecoins	15
Projeção para 2026	18
O que pode dar errado?	19
O que fazer?	20
Resumo da tese	20

D3**ETFs de altcoins atrairão mais de US\$10 bilhões**

21

Introdução	21
Fatores que sustentam a tese	22
O que pode dar errado?	25
O que fazer?	26
Resumo da tese	26

D4**Mercados preditivos serão o setor de maior crescimento**

27

Mercados preditivos vs bets	27
Estado Atual	27
Catalisadores de crescimento para 2026	30
Expectativas de crescimento	32
O que pode dar errado?	33
O que fazer?	34
Resumo da tese	34

D5**Volume negociado por agentes de IA vai quadruplicar**

35

Introdução	35
Casos de uso	37
O que pode dar errado?	39
O que fazer?	40
Resumo da tese	40

D6**Volume em ativos tokenizados vai aumentar em 200%**

41

Introdução	41
Adoção e ambiente regulatório	42
Conclusão	45
O que pode dar errado?	45
Resumo da tese	46

MB Research

47

Fontes

48

01

O Bitcoin alcançará ao menos 14% do mercado do ouro

Introdução

O ouro é, há séculos, o atalho mental de qualquer investidor quando o assunto é proteção de patrimônio. Em momentos de estresse, da crise de 2008 às tensões mais recentes envolvendo Rússia e Ucrânia, passando pelo choque da Covid em 2020, é para ele que o mundo olha nos momentos de necessidade.

Não por acaso, o metal compõe as reservas oficiais de bancos centrais como o Federal Reserve dos EUA, o Bundesbank da Alemanha, o Banco da França e também o Banco Central do Brasil, que hoje detém mais de 170 toneladas de ouro, avaliadas em aproximadamente 23 bilhões de dólares. Depois de alguns anos de estabilidade, o Brasil voltou a comprar ouro em 2025, algo que não fazia desde 2021.

O Bitcoin, por sua vez, é a reserva de valor em ascensão. Ele começa a disputar espaço dentro do mesmo “balde mental” da proteção de longo prazo, mas com uma arquitetura totalmente diferente: nasce com uma política monetária definida em código, oferta máxima conhecida e funcionamento nativo no ambiente digital, o que o deixa mais alinhado com um mundo em que riqueza circula em tempo real e sem fronteiras.

Nesta análise, observamos três pontos essenciais:



Por que o Bitcoin possui propriedades superiores às do ouro com uma **inflação atual cerca de metade da do ouro**, o que tende a levá-lo a ganhar espaço como reserva de valor ao longo do tempo.



Como evoluiu a proporção entre o valor de mercado dos dois ativos nos últimos ciclos, destacando que, em uma janela de cinco anos entre 2016 e 2021, o **Bitcoin aumentou seu peso relativo frente ao ouro em cerca de 50 vezes**.



E, por fim, projetamos essa tendência e explicamos porque ela, em nossa visão, irá levar o **Bitcoin a alcançar pelo menos 14% da capitalização do ouro até o fim de 2026**.

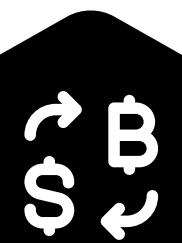
Por que o Bitcoin tende a ganhar espaço frente ao ouro?

O ouro, por ser um ativo físico, enfrenta limitações importantes. Ele exige transporte, precisa de custódia especializada, é difícil de fracionar e não circula com agilidade entre países. Além disso, não basta “ter” ouro: é preciso testar pureza, certificar procedência, confiar em laudos e custodiante para saber se o metal é de fato aquilo que diz ser. **Na prática, o acesso envolve cuidados operacionais, custos adicionais e burocracias ligadas à verificação, à custódia e à liquidez.**

Do lado da oferta, o metal continua sendo um ativo inflacionário, ainda que de forma moderada. Segundo estimativas do U.S. Geological Survey (USGS) e do World Gold Council, a produção de mina em 2024 ficou em torno de 3.300 toneladas, sobre um estoque acima do solo de pouco mais de 210 mil toneladas, **o que implica uma “inflação do ouro” próxima de 1,5% ao ano, sempre dependente de novas descobertas e de custos crescentes de extração.**

O Bitcoin tem uma natureza diferente. Ele possui oferta limitada e totalmente verificável. A regra de emissão foi definida no desenho original da rede e é conhecida de antemão: quando o protocolo foi lançado, cada bloco gerado pagava 50 bitcoins aos mineradores. **A cada 210 mil blocos, algo em torno de quatro anos, essa recompensa é cortada pela metade, no processo conhecido como halving.** A sequência 50, 25, 12,5, 6,25 e assim por diante forma uma série que converge matematicamente para um total de 21 milhões de unidades. Pelas regras atuais, o bitcoin de número 20 milhões deve ser emitido por volta de **março de 2026**, restando menos de 1 milhão de unidades a serem mineradas, de forma cada vez mais lenta, até cerca de 2140.

O resultado é uma “inflação” que cai ao longo do tempo, gerando eficiência temporal na preservação de valor e, ao mesmo tempo, preparando o terreno para eficiência espacial na forma como essa riqueza pode ser movimentada e armazenada no mundo digital. Alterar esse limite exigiria coordenação quase unânime da rede em torno de um novo código, o que na prática destruiria o principal atributo econômico do ativo: **sua escassez previsível.**



Essa combinação de escassez programada, inflação decrescente, portabilidade global e funcionamento contínuo vem consolidando o Bitcoin como uma reserva de valor eficiente tanto no tempo quanto no espaço. É por isso que ele ganha atenção crescente de investidores, gestores e tesourarias, ampliando sua participação relativa em relação ao ouro. Na próxima seção, mostramos esse processo de forma objetiva, com dados que evidenciam como essa mudança vem ocorrendo ao longo dos ciclos recentes.

Evidências históricas: o avanço da proporção BTC/Ouro

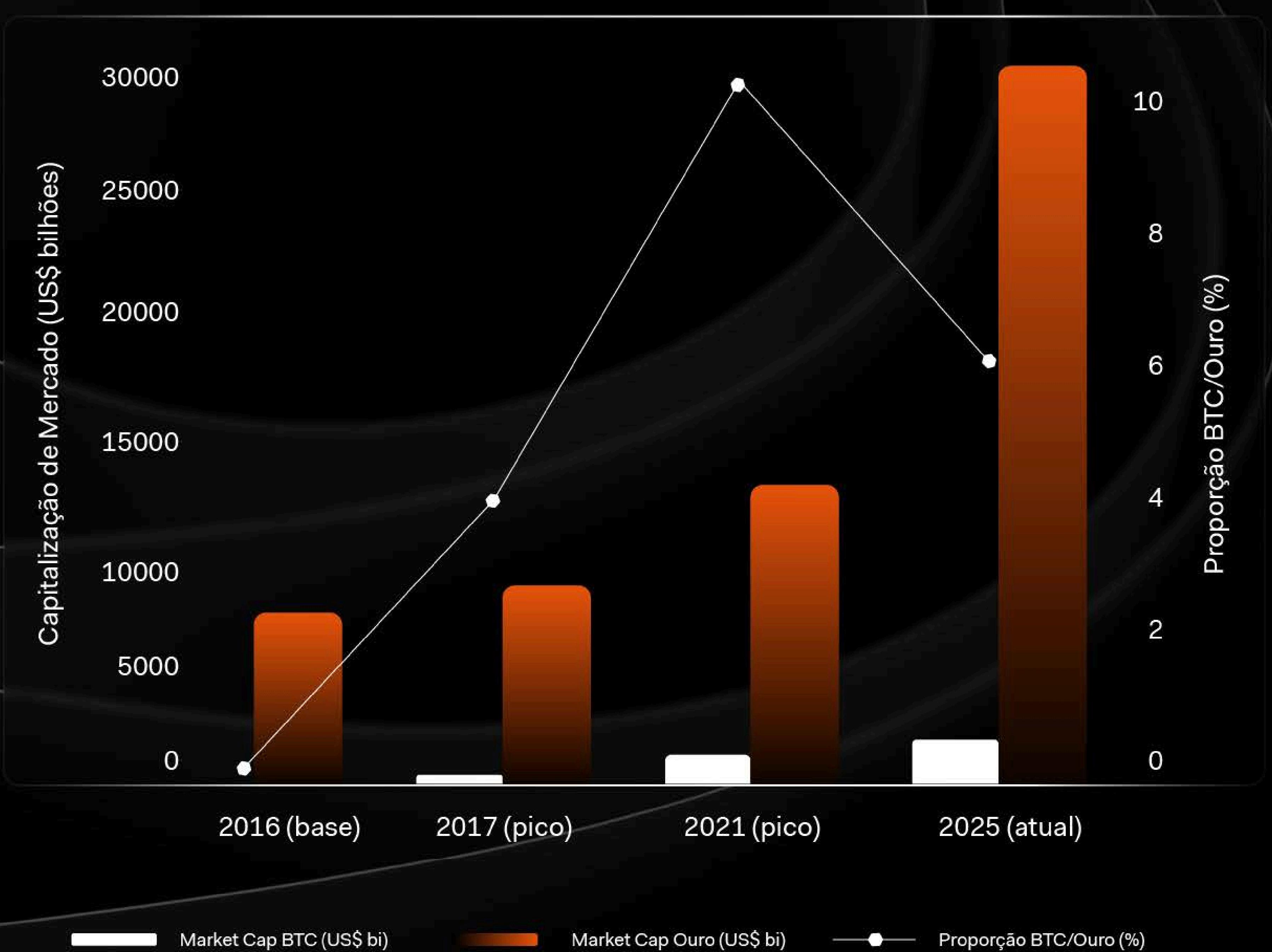
Para comparar o espaço que o Bitcoin tem conquistado em relação ao ouro, usamos uma métrica simples: a **capitalização de mercado de cada ativo**.

No caso do Bitcoin, basta multiplicar o número de unidades em circulação pelo preço de cada unidade. No caso do ouro, consideramos o estoque total já extraído no mundo e multiplicamos esse volume pelo preço da onça no mercado internacional.

Essa conta nos dá o “tamanho econômico” aproximado de cada um. Ao dividir a capitalização do Bitcoin pela do ouro, obtemos a proporção BTC/Ouro. A tabela abaixo resume quatro momentos centrais dessa comparação: o nível base de 2016, os picos de 2017 e 2021 e o valor observado em 2025.

Ano / Momento	Capitalização de mercado BTC	Capitalização de mercado Ouro	Proporção BTC/Ouro
2016 (base)	~ US\$ 15,5 bilhões	~ US\$ 6,9 trilhões	~ 0,2%
2017 (pico do ciclo)	~ US\$ 320 bilhões	~ US\$ 8,0 trilhões	~ 4,0%
2021 (pico do ciclo)	~ US\$ 1,2 trilhão	~ US\$ 12,0 trilhões	~ 10,0%
2025 (atual)	~ US\$ 1,8 trilhão	~ US\$ 29,0 trilhões	~ 6,0%

Bitcoin vs Ouro: Capitalização de Mercado e Proporção Relativa



A tabela mostra que o Bitcoin vem ganhando espaço em relação ao ouro a cada ciclo de mercado. Em 2016, sua participação ainda era irrelevante diante do tamanho consolidado do ouro. Em 2017, subiu para cerca de 4%. Em 2021, chegou perto de 10%.

Em 2025, essa proporção recua para algo em torno de 6%, não por perda de relevância do Bitcoin, mas porque o ouro se valorizou mais rápido no período. Houve uma corrida clássica para proteção: de um lado, cresceu o incômodo com a trajetória das dívidas públicas, em especial nos Estados Unidos, onde a relação Dívida/PIB já é elevada e a aprovação de novos pacotes de gasto e corte de impostos, como a chamada Big and Beautiful Bill, reforçou a percepção de déficits altos por mais tempo; de outro, a escalada de tensões no Oriente Médio, com episódios de confronto envolvendo potências regionais como Israel e Irã, incentivou a busca imediata por ativos tradicionais como o ouro.



Nesse ambiente, fluxos expressivos de capital priorizaram o ouro, o que explica a queda temporária da proporção BTC/Ouro. Ainda assim, na nossa leitura, esse movimento não altera a tendência estrutural de ganho de espaço do Bitcoin frente ao ouro, e deve ser entendido como uma realocação pontual em um cenário de estresse elevado, não como mudança de regime.

Projeção para 2026

Até aqui vimos que o Bitcoin vem ganhando espaço em relação ao ouro a cada ciclo de mercado. **Isso acontece porque ele combina regras claras de oferta, funcionamento contínuo e uso nativo no ambiente digital.** Esses elementos o colocam como uma alternativa moderna para quem busca proteção de valor no longo prazo.

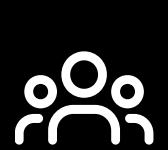
Nos últimos dois anos, esse movimento foi acelerado pela chegada dos **ETFs de Bitcoin** nos Estados Unidos. Ao permitir exposição via bolsa, dentro da mesma estrutura regulatória já usada para ações e fundos tradicionais, esses veículos removeram boa parte do atrito operacional e de governança que afastava grandes investidores do ativo. **Para gestoras e, gradualmente, fundos de pensão e tesourarias, passou a ser possível comprar Bitcoin com o mesmo processo com que se compra um ETF de ações ou de ouro.**

Com produtos regulados, custódia institucional e regras conhecidas, o **Bitcoin passou a entrar na mesma conversa que antes era quase toda dominada pelo ouro como reserva de valor**, especialmente em um ambiente em que muitos investidores temem a perda de poder de compra das moedas tradicionais, pressionadas por inflação, dívida pública elevada e políticas fiscais mais expansionistas.

Outro sinal concreto dessa mudança é o avanço das empresas que decidiram manter Bitcoin em suas tesourarias. Dados de plataformas como BitcoinTreasuries e CoinGecko indicam que mais de 150 companhias abertas já reportam BTC em balanço, somando algo em torno de 1 milhão de bitcoins. Quando somamos também empresas privadas, o montante corporativo se aproxima de 1,3 a 1,4 milhão de BTC, algo perto de 6% da oferta total.

Há cinco anos, esse movimento era praticamente inexistente, com poucas empresas, como a então MicroStrategy, dando os primeiros passos. A velocidade com que esse número cresceu e a escala dos volumes, concentrados sobretudo nos últimos dois anos, evidenciam uma curva de adoção corporativa acelerada.

Esse processo mostra que o **BTC deixou de ser apenas um ativo de nicho e passou a fazer parte da estratégia financeira de empresas e gestores ao redor do mundo**. Governos como Estados Unidos e China também passaram a deter montantes relevantes de Bitcoin, ainda que majoritariamente por meio de apreensões judiciais, e não por programas formais de reserva, o que, do ponto de vista de oferta disponível ao mercado, tem efeito semelhante: são unidades que saem da circulação privada. Ainda assim, essa adoção corporativa e institucional está apenas no começo diante do potencial de mercado.



Com mais pessoas e instituições usando Bitcoin, mais formas de investir e um ambiente regulatório mais definido, **estimamos que o BTC alcance ao menos 14% do tamanho do mercado de ouro até o final de 2026**. Esse nível seria maior que o pico do ciclo anterior e consistente com o padrão observado desde 2016, em que o Bitcoin aumenta sua participação dentro do conjunto de ativos usados globalmente como reserva de valor.

Essa projeção não é um chute, mas o resultado de uma metodologia de valuation desenvolvida em parceria entre o MB | Mercado Bitcoin e pesquisadores da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA).

No “Bitcoin Valuation Framework”, usamos, entre outras, uma abordagem de Total Addressable Market (TAM) para estimar o valor teórico do BTC: em vez de forçar modelos tradicionais de fluxo de caixa em um ativo monetário, partimos do mercado global de reserva de valor, tomamos o ouro como principal referência e projetamos qual fração desse mercado o Bitcoin pode capturar em diferentes cenários de adoção. É dessa estrutura empírica, construída para dialogar com o investidor institucional, que nasce o cenário-base em que o BTC alcança ao menos 14% da capitalização do ouro até o fim de 2026.

O que pode dar errado?

Nossa projeção assume que o Bitcoin continuará ganhando espaço como reserva de valor e que o ciclo atual seguirá o padrão histórico de alcançar um novo máximo em relação ao ouro. Essa tese pode não se concretizar caso algumas premissas importantes não se confirmem.

01. Adoção institucional menor do que o esperado.

Se a entrada de grandes investidores e empresas desacelerar, ou se a demanda por veículos como ETFs perder força, o ritmo de crescimento do Bitcoin pode ficar aquém do necessário para atingir a projeção de 14% do mercado de ouro em 2026.

02. Busca excepcionalmente alta pela segurança tradicional.

Em um cenário de **medo extremo**, investidores podem priorizar o ouro pela sua longa história como reserva de valor, reduzindo a fatia destinada ao Bitcoin. Uma combinação de choque geopolítico grave com aversão a risco acima da média pode manter a preferência quase exclusiva pelo metal no curto prazo.

03. Realização antecipada por parte dos detentores de longo prazo.

Se investidores de longo prazo (“long-term holders”) decidirem realizar lucros de forma intensa antes que a tese se complete, o mercado pode perder tração e impedir que o BTC alcance um novo topo relativo frente ao ouro, **mesmo com fundamentos de adoção favoráveis**.

04. Obstáculos regulatórios ou operacionais.

Mudanças regulatórias mais rígidas, restrições a produtos institucionais, dificuldades em bancos e custodians ou eventos que reduzam o acesso a Bitcoin podem limitar a adoção no curto prazo, afetando diretamente a velocidade de convergência até os 14%.

05.Computação Quântica

O surgimento de um computador quântico com capacidade real de quebrar a criptografia usada hoje em sistemas financeiros, incluindo o Bitcoin, é um risco estrutural de longo prazo. No horizonte desta tese (2026), esse risco é mais teórico do que prático, mas não deve ser ignorado. A vulnerabilidade inicial tende a se concentrar em chaves públicas já expostas e carteiras antigas, e a mitigação passará pela migração de fundos para novos endereços e, possivelmente, por evoluções de protocolo. É um ponto a monitorar, não o principal fator de risco para o próximo ano.

[Saiba Mais](#)

06.Condições financeiras mais restritivas do que o esperado.

Nossa tese considera um cenário em que os juros, que encerraram 2025 no intervalo de 3,5% a 3,75%, possam continuar recuando ao longo de 2026. Caso esse movimento não se concretize e esse patamar de juros se mantenha elevado por mais tempo, as condições de liquidez da economia podem permanecer excessivamente restritivas. Esse ambiente tende a reduzir o apetite por ativos de maior volatilidade e pode enfraquecer um dos canais importantes para o Bitcoin aumentar seu peso relativo em relação ao ouro, representando um risco relevante para a tese.

O que fazer?

Antes de falar de Bitcoin, vale olhar para o próprio ouro na versão 2.0. A tokenização do metal é um dos primeiros casos de uso bem-sucedidos de ativos reais em blockchain: em vez de lidar com barras de metal e cofres, o investidor passa a acessar a mesma exposição por meio de um token lastreado em ouro físico, com rastreável e negociado 24 horas por dia. É exatamente essa a proposta do PAX Gold (PAXG), disponível no MB, uma criptoativo lastreado em ouro e pareado ao preço do metal, que permite investir em frações de ouro de forma simples, digital e verificável. Para conhecer mais sobre esse criptoativo, clique aqui.

A partir dessa base, a Cesta de Reserva de Valor do MB foi construída exatamente para capturar o movimento discutido nesta tese. Ela combina 75% em ouro via PAXG e 25% em Bitcoin, equilibrando a proteção histórica do metal com o potencial de valorização do BTC como reserva de valor digital.



Essa composição oferece segurança, diversificação e exposição ao ativo que mais cresce em relevância dentro do universo de reserva de valor nos ciclos recentes. O aporte mínimo é de R\$ 5 mil, o que permite ao investidor entrar em uma estratégia estruturada, alinhada às tendências de longo prazo de preservação de valor em uma economia cada vez mais digital.

Para começar a investir em uma estratégia equilibrada de proteção de valor ao longo do tempo, clique aqui.



Resumo da tese

O Bitcoin irá alcançar ao menos 14% do tamanho (capitalização) do mercado de ouro em 2026, impulsionado pela sua adoção crescente e maior acesso institucional.

02

Mercado de Stablecoins alcançará *meio trilhão de dólares*

Introdução

As stablecoins formam hoje uma das classes mais importantes do universo cripto porque funcionam como ponte direta entre o dinheiro tradicional e os criptoativos. **Elas são projetadas para manter valor estável**, tipicamente pareado a moedas fiduciárias como o dólar, o que transforma USDT, USDC e afins no principal instrumento de liquidez do ecossistema: **são a porta de entrada e saída para quem negocia cripto e, ao mesmo tempo, a infraestrutura que permite mover valor com previsibilidade, sem a volatilidade típica de outros ativos digitais.**

Além disso, cumprem um papel essencial como fonte de liquidez do setor, facilitando a movimentação rápida e segura de recursos sem exposição à volatilidade dos demais ativos digitais.

Com o tempo, as stablecoins deixaram de ser usadas apenas para negociações dentro das corretoras e passaram a cumprir funções práticas no dia a dia. Em países com histórico de inflação crônica, **elas viraram, na prática, um colete salva-vidas financeiro**. Pense na Venezuela: entre 2015 e 2022, o país viveu anos seguidos de hiperinflação, com variações anuais que chegaram a dezenas de milhares por cento, e mesmo depois dessa fase extrema a inflação segue em patamares de duas a três casas decimais ao ano, muito acima de 100%. Ao converter sua moeda local em uma stablecoin pareada ao dólar, como USDC ou USDT, essa pessoa passa a manter seu dinheiro em “**dólar digital**”, preservando poder de compra de forma incomparavelmente mais eficiente do que deixando seus recursos na moeda local.

Além disso, as stablecoins passaram a ser usadas como meio de pagamento e transferência internacional. Em vez de depender de bancos, prazos longos e taxas elevadas, pessoas e empresas conseguem enviar recursos para outros países de forma quase imediata e com **custo muito menor**, usando uma moeda fiduciária mais forte como referência.

Mais recentemente, surgiu um uso ainda mais relevante: a possibilidade de gerar rendimento (yield) em dólar digital. Diferentemente do dólar tradicional parado em conta, ou mesmo guardado em forma física como ainda é muito comum na América Latina, algumas aplicações com stablecoins permitem combinar a proteção cambial com ganhos de rentabilidade. Isso transformou as stablecoins não apenas em um instrumento de defesa patrimonial, mas também em uma forma prática de buscar renda em moeda fiduciária mais forte.

Por causa desses novos usos, o mercado de stablecoins passou a seguir uma trajetória própria, menos dependente dos ciclos de preço do resto do universo cripto. A seguir, fazemos um breve resgate dessa evolução, dos primeiros experimentos aos níveis atuais de emissão, e usamos esse histórico para projetar onde esse mercado pode chegar até o fim de 2026.



Histórico da capitalização de mercado das stablecoins.

Fonte: DeFiLlama

Análise da evolução das stablecoins

2014 e primeiros anos: a gênese das stablecoins

As stablecoins não nascem com essa cara multifuncional que vemos hoje. Nos primeiros anos, o papel era bem mais restrito: reduzir fricção dentro das exchanges. A Tether (USDT), lançada em 2014, foi o primeiro grande experimento bem-sucedido de dólar tokenizado, e ganhou tração como “dinheiro em blockchain” em corretoras cripto, que não tinham acesso fácil ao sistema bancário tradicional.

A partir de 2017, com o boom de ICOs e o ciclo forte de altcoins, as stablecoins se consolidam como unidade de conta e moeda de liquidação dentro do ecossistema cripto. Em 2018, a chegada da USDC, da Circle, com um arranjo de governança mais alinhado a players regulados nos Estados Unidos, marca o início de uma nova fase, mais institucionalizada.

De 2020 em diante, com a explosão de DeFi, **as stablecoins passam a ocupar o centro de protocolos de crédito, pools de liquidez e pagamentos on-chain**. Em paralelo, ganham espaço em remessas internacionais e proteção de patrimônio em países com moedas frágeis e inflação fora de controle. É esse pano de fundo que leva o mercado a ultrapassar 180 bilhões de dólares em stablecoins emitidas no pico de 2022, antes da sequência de choques de confiança que levaram ao ajuste de 2023.

2023: um período de ajuste

O ano de 2023 foi, na prática, o fim da digestão dos choques de 2022: primeiro, o colapso da Terra/Luna, um experimento de stablecoin algorítmica cujo desencaixe destruiu dezenas de bilhões de dólares em poucos dias; depois, a quebra da FTX, então uma das maiores corretoras globais, que revelou fraudes e um rombo bilionário em recursos de clientes. Como consequência, o valor total de stablecoins em circulação recuou do pico de mais de 180 bilhões de dólares em 2022 para a faixa de 130 bilhões, e passou boa parte de 2023 oscilando nesse patamar, sem nova expansão relevante.

2024: início de uma nova fase de expansão

Em 2024, o quadro muda de patamar. O mercado de stablecoins sai da faixa de **130 bilhões de dólares** no início do ano e volta a crescer de forma consistente, cruzando a marca de **200 bilhões** à medida que o mercado cripto como um todo se aproxima novamente dos US\$3 trilhões. Parte desse movimento acompanha a recuperação dos preços, mas o ponto central é outro: as stablecoins passam a ser usadas de forma muito mais intensa fora das exchanges, como ferramenta de dolarização de patrimônio em economias frágeis, meio de pagamento e solução para transferências internacionais e caixa operacional de empresas que precisam mover recursos entre países com rapidez e baixo custo. A partir daqui, o setor começa, de fato, a andar com as próprias pernas.

2025: expansão estrutural e fortalecimento regulatório

Em 2025, a expansão deixa de ser apenas cíclica e ganha cara de movimento estrutural. A capitalização total de stablecoins salta da casa dos 200 bilhões no início do ano para **pouco mais de 300 bilhões de dólares em meados de dezembro**, um crescimento próximo de 50% em doze meses. O dado mais importante aqui é que **esse crescimento acontece mesmo com a capitalização do mercado cripto global oscilando entre 3 a 4 trilhões de dólares, sem um salto proporcional**. Em outras palavras, a curva de stablecoins passa a refletir muito mais os seus próprios casos de uso do que simplesmente o humor de mercado com Bitcoin e altcoins.

GENIUS Act, BRL1 e stablecoins “além do dólar”

Três grandes vetores sustentam essa expansão.

01 Geopolítico e macro

Ao dar segurança jurídica para emissores de stablecoins em dólar, os Estados Unidos, na prática, reforçam a exportação da sua moeda via blockchain para mercados emergentes. Usuários na América Latina, África ou Ásia conseguem acessar “dólar digital” sem abrir conta em banco americano, enquanto os emissores ancoram essas moedas em caixa e Treasuries de curto prazo. O resultado é um ciclo curioso: de um lado, famílias e empresas em países de moeda fraca protegem seu poder de compra em stablecoin; de outro, parte dessa poupança passa a financiar a própria dívida americana. O dólar consolida sua posição como moeda de referência também na camada cripto.

02 Regulatório e competitivo

A aprovação do Genius Act, primeiro marco federal de stablecoins nos EUA, define requisitos de lastro, transparência e supervisão, abrindo espaço para bancos, gestoras e instituições financeiras operarem diretamente nesse mercado. Isso acelera a profissionalização do segmento e, ao mesmo tempo, estimula a proliferação de novos emissores de stablecoins em dólar, como a RLUSD, da Ripple, que passam a disputar espaço com USDT e USDC em nichos específicos de liquidez, pagamentos e integrações com o sistema financeiro tradicional. Sobre essa base, começam a surgir também as chamadas yield-bearing stablecoins, que tentam combinar a estabilidade do dólar digital com retorno embutido. Ainda é um subsegmento em construção, com desafios regulatórios e de risco, mas é um sinal claro de que está se formando um mercado de produtos de renda em cima da infraestrutura de stablecoins.

03 Geográfico e monetário

Além da hegemonia das stablecoins em dólar, emergem iniciativas em moedas locais, como a BRL1, stablecoin de real emitida por um consórcio que inclui o MB | Mercado Bitcoin. Essas moedas digitais de jurisdição doméstica nascem voltadas para liquidez entre exchanges e operações B2B, mas abrem espaço para um ecossistema de crédito, pagamentos e investimentos lastreados na moeda local, conectado de forma nativa à infraestrutura global de blockchain. É a lógica do “dólar digitalizado” sendo adaptada à realidade de cada país, com o Brasil se posicionando como protagonista nesse movimento.



Projeção para 2026

A evolução recente das stablecoins mostra um setor cada vez mais estruturado e capaz de crescer por conta própria. A forte expansão observada em 2024 e 2025 foi impulsionada por novos usos no mundo real, como proteção de patrimônio, pagamentos internacionais e transferências rápidas entre países, além da entrada crescente de instituições tradicionais em um ambiente regulatório mais claro. Esses fatores indicam que o mercado deve continuar avançando em 2026.

O crescimento da adoção fora das corretoras continua sendo um dos **pontos centrais** dessa tendência. As stablecoins se tornaram ferramentas úteis para quem vive em países com moedas instáveis, para empresas que precisam movimentar recursos com rapidez e para indivíduos que buscam uma forma simples e inteligente de acessar dólares digitais. **Essa diversidade de aplicações cria uma demanda mais estável e menos dependente exclusivamente dos ciclos do mercado cripto.**

A expansão também deve ser apoiada por um ambiente regulatório mais previsível, tanto lá fora quanto aqui. Nos Estados Unidos, o **Genius Act** dá o primeiro contorno federal para stablecoins de dólar e abre espaço para participação direta de bancos e instituições financeiras nesse mercado.

No Brasil, o Banco Central passa a enquadrar stablecoins dentro do arcabouço de ativos virtuais da **Lei 14.478**, com a peculiar terminologia de “**moedas estáveis referenciadas em moeda soberana**”. Em paralelo, o Congresso discute o PL 4.308/2024, de autoria do deputado Áureo Ribeiro, que disciplina as stablecoins e propõe que apenas instituições autorizadas pelo Banco Central possam emitir tokens lastreados em moedas fiduciárias. **As stablecoins estão definitivamente saindo da zona cinza regulatória e entrando, de vez, na agenda oficial de supervisão financeira global.**

Com esses fatores, projetamos que o setor de stablecoins sairá do patamar atual, pouco acima de US\$ 300 bilhões, para alcançar ao menos **US\$ 500 bilhões em capitalização de mercado até o final de 2026**, um crescimento de mais de 60%, refletindo tanto a sua importância crescente no ecossistema quanto sua utilidade cada vez maior no sistema financeiro digital.



O que pode dar errado?

Mesmo com sinais sólidos de crescimento, existem riscos que podem impedir o setor de atingir a projeção estimada, tais como:

01. Contração forte do mercado cripto

Se o mercado como um todo passar por um período de queda acentuada, especialmente em Bitcoin e grandes altcoins, a demanda por stablecoins como liquidez para trading e DeFi pode esfriar, tirando parte do impulso de curto prazo.

02. Participação institucional mais lenta que o previsto

Nossa projeção assume que bancos, gestoras e empresas seguirão ampliando o uso de stablecoins ao longo de 2026. Se esse movimento for mais tímido, o ritmo de crescimento tende a ficar abaixo do estimado.

03. Reversão ou ruído na agenda regulatória dos EUA

Stablecoins pareadas ao dólar dependem, em grande medida, do ambiente regulatório norte-americano. Mudanças de orientação política, disputas entre reguladores ou regras mais restritivas para emissores podem frear a adoção global justamente no mercado que ancora a maior parte do lastro.

04. Choques de confiança em emissores relevantes

Falhas operacionais, problemas de governança, falta de transparência ou qualquer evento que lembre o mercado de casos como Terra/Luna tendem a contaminar o setor como um todo. Um incidente sério com um emissor sistêmico pode reduzir a confiança nas stablecoins e limitar a expansão da sua capitalização de mercado.

O que fazer?

O cenário global hoje joga a favor das stablecoins. Inflação alta em várias regiões, juros reais apertados e moedas frágeis, como o real, fazem da dolarização parcial uma decisão de proteção, não de ousadia. Nesse contexto, o dólar digital se impõe como a forma mais simples de buscar estabilidade: você acessa a mesma moeda que ancora o sistema financeiro global, só que em formato programável, com liquidez 24/7 e sem depender de fronteira ou horário bancário.

A Renda Passiva em Dólar do MB pega exatamente essa tese e transforma em produto: você dolariza parte do patrimônio via stablecoins pareadas ao dólar e ainda pode receber rendimento de até 5% ao ano em dólar, com praticidade e liquidez diária. É uma forma direta de se expor ao crescimento do mercado de stablecoins, reforçar sua proteção cambial e, ao mesmo tempo, colocar esse “dólar digital” para trabalhar a seu favor.

Para começar a gerar renda passiva em dólar digital no MB, clique aqui.



Resumo da tese

As stablecoins deverão alcançar cerca de US\$500 bilhões em capitalização de mercado até o final de 2026, impulsionadas pela regulação nos Estados Unidos, pelos novos casos de uso e pela crescente adoção ao redor do mundo.

O3

ETFs de altcoins atrairão *mais de US\$10 bilhões*

Introdução

ETFs são hoje o dialeto nativo do mercado financeiro tradicional. Quando o mundo institucional quer se expor a um tema novo, em geral faz isso através de um fundo de índice listado em bolsa. Foi assim com setores, países, commodities e, mais recentemente, com Bitcoin e Ethereum, que ganharam seus primeiros ETFs spot (mercado à vista) nos EUA em 2024.

A partir do fim de 2025, esse movimento começou a se espalhar para além do “top 2” do mercado. Primeiro com **XRP**, depois com **Solana**, vieram as aprovações de uma leva de ETFs de altcoins, incluindo produtos spot, produtos com staking embutido e estruturas com taxas agressivas. **O que era exceção virou padrão, e cripto deixou de ser “um ticker exótico na carteira” e passou a ser um conjunto de possibilidade plugadas diretamente em Wall Street.**

Nesta tese, definimos como “**ETFs de altcoins**” os produtos spot ou spot + staking de grandes criptoativos não-Bitcoin e não-Ethereum, listados em mercados regulados, com foco principal em Solana e XRP, que são hoje os dois casos mais relevantes desse segmento.

Nossa projeção é que o conjunto desses ETFs ultrapasse **US\$10 bilhões em ativos sob gestão até o fim de 2026**, somando Estados Unidos e outros mercados associados. Esse número representa um crescimento superior a cinco vezes o tamanho atual desse mercado.

Ponto de partida: onde estamos hoje

Em pouco tempo, Solana e XRP mostraram que há apetite institucional claro por exposição regulada a altcoins:

- ETFs spot de Solana listados em bolsas americanas, somados, já reúnem algo em torno de **US\$ 1,1 bilhão em AUM**, considerando veículos de gestoras como Bitwise, Grayscale, Fidelity, VanEck, 21Shares e Franklin Templeton.
- Relatórios de mercado indicam que os ETFs de XRP, recém-lançados, já caminham rapidamente para a casa dos bilhões, impulsionados por gestoras que replicam o playbook de BTC e ETH, só que agora num ativo com tese forte em pagamentos transfronteiriços.

Em paralelo, proliferam pedidos e aprovações de ETFs de outras altcoins em diferentes jurisdições, com destaque para produtos focados em redes com tração real em DeFi, infraestrutura e tokenização. O universo de “alt ETFs” deixa de ser marginal e começa a formar um subsegmento próprio dentro de “crypto ETFs”.

Fatores que sustentam a tese

01 A porta regulatória foi aberta

Nos EUA, o sucesso dos ETFs spot de Bitcoin e, em seguida, de Ethereum, resolveu a pergunta chave do regulador: “é possível listar cripto como ETF de forma segura para o investidor?” A resposta prática veio em dezenas de bilhões sob gestão, volume relevante e ausência de disfuncionalidades sistêmicas.

A partir daí, a SEC passou a aplicar critérios mais padronizados para outros criptoativos com:

- liquidez robusta
- listagem em mercados regulados fora dos EUA
- e, em alguns casos, precedentes judiciais favoráveis, como no caso de XRP, em que uma decisão federal diferenciou vendas institucionais de vendas em mercado secundário.

Não é que tenha “acabado o risco jurídico” nesses ativos, mas o combo jurisprudência + experiência bem-sucedida com BTC/ETH criou uma base para autorizar estruturas de ETF em mais altcoins, reduzindo a incerteza que segurava as gestoras.

02 Demanda institucional por diversificação dentro de cripto

Depois da entrada em massa via ETFs de BTC e ETH, o investidor institucional típico começa a fazer a pergunta óbvia que todo investidor faz: “ok, o que vem depois?”.

- Várias casas hoje já trabalham com um “pote” de digital assets separado, em que BTC e ETH são o núcleo, e uma fatia menor é destinada a “satélites” com potencial de crescimento superior.
- Solana, por exemplo, virou o principal candidato a “terceiro ativo” em várias teses, dado o crescimento de sua base de usuários, atividade on-chain e receitas de rede.
- XRP tem narrativa institucional forte em pagamentos cross-border, especialmente para bancos e fintechs que querem usar rails cripto, sem exposição direta a infraestrutura técnica.

O ETF é o veículo natural para essa segunda perna: em vez de criar política própria de custódia de SOL ou XRP, o gestor simplesmente adiciona um, dois ou três tickers de ETF altcoin na carteira, dentro do mesmo processo que já usa para ações e fundos listados.

03 Guerra de taxas e inovação de produto

A competição entre gestoras está turbinando a atratividade desses ETFs:

- No caso de Solana, por exemplo, a Franklin Templeton estruturou um ETF com taxa de 0,19% ao ano e isenção de fees nos primeiros US\$ 5 bilhões em AUM até 2026, o que é extremamente agressivo para um produto de cripto.
- Bitwise, VanEck e outras casas também entraram com “promoções” de fee waiver por período inicial ou até determinado volume, num replay da “guerra de taxas” que vimos em ETFs de Bitcoin.

Além disso, começa a ganhar espaço uma categoria específica: ETFs com staking embutido, em especial no caso de Solana. Esses veículos:

- compram SOL,
- delegam para validadores,
- e distribuem parte do yield de staking para os cotistas, depois de taxas.

Na prática, o investidor passa a capturar preço + yield de rede dentro de um wrapper regulado, sem lidar com a operação on-chain. Isso cria um diferencial em relação aos ETFs de BTC e ETH que ainda não incorporam, de forma ampla, mecanismos equivalentes.

04 Narrativa de redes com uso real

Essa tese não é sobre qualquer altcoin. É sobre um subconjunto que conseguiu virar “infraestrutura de verdade”:

- Solana: forte tração em DeFi, pagamentos, tokenização e, mais recentemente, em aplicações ligadas a fintech e consumer;
- XRP: foco em remessas e pagamentos cross-border, com um ecossistema de parcerias bancárias e de pagamentos construído ao longo de anos;
- outros candidatos (como Chainlink e alguns ativos de infraestrutura) podem entrar no radar à medida que comprovem tração em casos de uso concretos, não só especulação.

O ETF é o veículo natural para essa segunda perna: em vez de criar política própria de custódia de SOL ou XRP, o gestor simplesmente adiciona um, dois ou três tickers de ETF altcoin na carteira, dentro do mesmo processo que já usa para ações e fundos listados.

Por que US\$ 10 bilhões até o fim de 2026?

O ponto de partida, hoje, é um universo de ETFs de altcoins que já soma **cerca de US\$ 2 bilhões de dólares** globalmente, com destaque para:

 ETFs de Solana, que em poucos meses passaram de zero para algo em torno de **US\$ 1 bilhão em AUM**, com fluxo líquido positivo por várias semanas consecutivas.

 ETFs de XRP, que rapidamente capturaram centenas de milhões de dólares e caminham para o clube do “bilhão +” à medida que mais plataformas de distribuição passam a ofertá-los.

Projetar a passagem para US\$ 10 bilhões até o fim de 2026 significa, na prática:

 assumir que **BTC** e **ETH** continuam sendo o núcleo das alocações cripto;

 mas que uma fração crescente dos mandatos institucionais (fundos multimercados, wealth, fundos de pensão mais agressivos) começa a permitir 2–5% da fatia cripto em altcoins de “segunda linha” via ETFs;

 e que o crescimento de AUM virá tanto de novas captações quanto de valorização dos ativos subjacentes, caso Solana, XRP e outros nomes entreguem performance superior ao BTC em parte do ciclo.

Dado o histórico recente de entrada de capital em BTC/ETH via ETFs, a escala dos players envolvidos (BlackRock, Fidelity, Franklin Templeton, VanEck, Bitwise, etc.) e o apetite crescente por narrativas de crescimento dentro de cripto, consideramos razoável que o conjunto de ETFs de altcoins supere a marca de **US\$ 10 bilhões em AUM em 2026**, mesmo num cenário de mercado apenas “razoável”, não necessariamente eufórico.

O que pode dar errado?

01. Reversão ou atraso regulatório

Mudanças de sinal na SEC, decisões judiciais desfavoráveis ou reclassificação de alguma dessas altcoins como valor mobiliário não registrado podem travar novas aprovações ou limitar a distribuição dos ETFs.

02. Bear market prolongado em cripto

A tese depende tanto de fluxo novo quanto de valorização dos ativos. Um ciclo de queda prolongada, com aversão a risco alta, pode derrubar preços e desincentivar novas alocações.

03. Problemas técnicos ou de governança nas redes ou emissores

Hacks relevantes em protocolos centrais, falhas graves na infraestrutura das redes subjacentes (como Solana) ou problemas em custodiantes/fundos podem contaminar a percepção de risco institucional nesse segmento.

04. Juros mais altos por mais tempo

Se a curva de juros globais ficam mais restritivas por mais tempo que o esperado, parte do capital institucional pode preferir renda fixa e crédito tradicional em vez de aumentar a exposição a ativos de risco como altcoins.

O que fazer?

Para quem quer participar desse movimento sem se perder em dezenas de códigos de ativos, o caminho mais direto no **MB | Mercado Bitcoin é a Cesta Inteligente de Altcoins**, montada e rebalanceada periodicamente pelo time de Research, com foco em ativos que combinam liquidez, tese clara e fundamentos on-chain.

Para investidores que preferem começar menor, as cestas **Primeiros Passos, Intermediária e Avançada** também trazem exposição calibrada a altcoins de maior relevância, sempre dentro de uma estratégia mais ampla de diversificação em cripto.

Além disso, o investidor pode se expor diretamente a esses ativos (XRP e SOL) e, no caso específico de Solana, ainda habilitar uma **estratégia de renda passiva via Staking**, potencializando o retorno da posição ao longo do tempo.



Resumo da tese

Somando todo o mercado de ETFs de altcoins (abaixo do ETH) dos EUA, teremos mais de US\$10 bilhões em ativos até o fim do ano. O crescimento será puxado principalmente pelos ETFs de XRP e Solana, que devem responder por aproximadamente 80% das entradas totais.

04

Mercados preditivos serão o setor de maior crescimento

Mercados preditivos vs bets

Nos mercados preditivos, os participantes negociam entre si contratos ligados a eventos futuros, como se fosse uma bolsa de probabilidades. Se um lado ganha, o outro lado perde, e a “casa” é só a infraestrutura. Nas bets centralizadas, o modelo é outro: o apostador joga contra o bookmaker, que define as odds, embute uma margem fixa e, estatisticamente, ganha no longo prazo.

Essa diferença não é só filosófica. Em mercados preditivos bem desenhados, o preço de um contrato em um dado momento reflete a probabilidade coletiva daquele evento acontecer. E o filme, não só a foto, importa tanto quanto: acompanhar a trajetória de preço ao longo do tempo mostra como a percepção do mercado muda à medida que chegam novas informações, quase como um “termômetro em tempo real” de expectativas. O resultado final do evento é definido com base em fontes públicas pré-acordadas. No caso dos mercados totalmente on-chain, isso normalmente passa por oráculos, serviços que trazem dados do mundo real para o blockchain e disparam a liquidação automática dos contratos. Já em plataformas reguladas, como as registradas na CFTC, essa função é exercida pela própria plataforma, seguindo regras estritas definidas em regulamento.

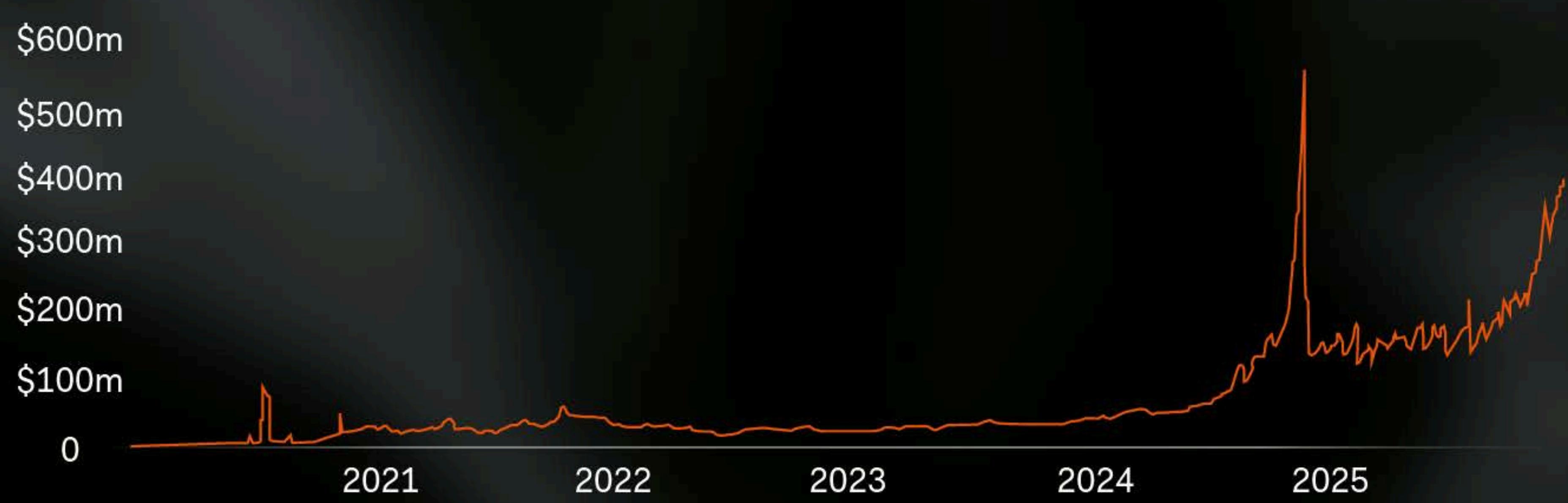
Em compensação, esses mercados ainda sofrem com o velho problema de qualquer bolsa nascente: **liquidez**. Nem sempre há contraparte suficiente, os books são rasos, o spread é alto. É justamente aqui que faz sentido olhar para prediction markets on-chain, com um livro de ordens global, liquidez reforçada por DeFi, uso intensivo de stablecoins e liquidação transparente em blockchain, alinhando incentivos para que mais capital e mais informação convirjam para o mesmo lugar.

Estado Atual

Hoje, o setor ainda é pequeno em tamanho absoluto, mas cresce em velocidade de startup. Dados compilados por plataformas como DeFiLlama e OurNetwork indicam que o total de valor alocado em mercados preditivos on-chain superou 300 milhões de dólares em 2025, após mais do que triplicar em pouco mais de um ano.

Do lado das plataformas reguladas, como Kalshi, o volume de contratos em aberto já passa de 200 milhões de dólares, com semanas em que apenas ela movimenta mais de 500 milhões em volume, enquanto concorrentes como Polymarket e Opinion.Trade somam juntas outras centenas de milhões em posições em aberto.

Em termos de fluxo, relatórios recentes apontam que os volumes trimestrais combinados em prediction markets já superam 3 bilhões de dólares, algo em torno de cinco vezes o observado um ano antes, impulsionados por eleições, grandes eventos esportivos e decisões de política econômica nos Estados Unidos.

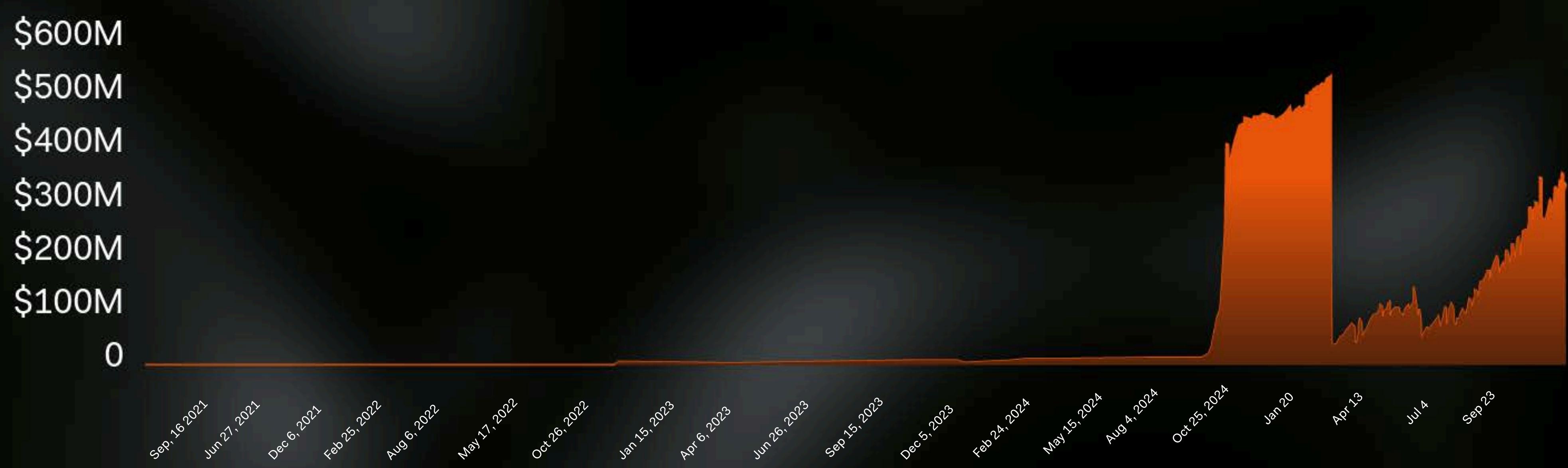


Capitalização de mercado total dos mercados preditivos On-chain (Nov/25)

Fonte: DeFiLlama

Open Interest Over Time

Daily outstanding positions value



Evolução do Open Interest na Kalshi

Fonte: Kalshi

Nos gráficos acima é possível perceber dois movimentos claros. Primeiro, a eleição americana de 2024 foi o grande ponto fora da curva: no 3º tri de 2024, o volume nos três maiores prediction markets saltou de cerca de US\$ 466 milhões para US\$ 3,1 bilhões, uma alta de 565%, com a Polymarket concentrando por volta de 99% desse total.

Segundo, passado o pico eleitoral, o setor não voltou “ao normal”. Pelo contrário, consolidou uma nova base de atividade e acelerou em 2025. Em outubro de 2025, o volume total movimentado em plataformas On-chain ultrapassava US\$2,6 bilhões no ano, mais de 180% acima do período equivalente no ano anterior, impulsionado por eleições nos EUA, aprovação de ETFs de cripto e grandes torneios esportivos. Se a gente simplesmente extrapola de forma linear esse ritmo de expansão a partir de uma base ainda abaixo de US\$ 1 bilhão em capital alocado (soma de mercados On-chain com os contratos abertos das plataformas reguladas), chegar em algo acima de US\$ 1 bilhão em valor travado até o fim de 2026 não parece um cenário esticado, mas conservador.

Hoje, a disputa é praticamente um duopólio. De um lado, a Polymarket, que em 2024 já concentrava a **maior parte dos prediction markets cripto descentralizados**. De outro, a Kalshi, autorizada pela **CFTC como Designated Contract Market nos Estados Unidos** e que, no Brasil, ganhou manchetes por causa da cofundadora Luana Lopes Lara, brasileira de 29 anos apontada como a mais jovem bilionária self-made do mundo após a disparada do valuation da empresa. Em outubro de 2025, as duas empurraram o setor para outro patamar: a Kalshi movimentou algo em torno de US\$ 4,4 bilhões no mês, enquanto a Polymarket girou cerca de **US\$ 3 bilhões**, somando mais de **US\$ 7 bilhões** em negociações **em apenas 30 dias**. Já não é experimento de nicho, é um vertical com liquidez de gente grande.

Do lado do capital, o dinheiro grande já escolheu prediction markets. Em 2025, a Kalshi saltou de um valuation na casa de **US\$ 5 bilhões** em outubro para cerca de **US\$ 11 bilhões** após uma rodada de US\$ 1 bilhão no início de dezembro, enquanto a Polymarket negocia um aporte de até US\$ 2 bilhões com a ICE, dona da Bolsa de Nova York, em uma transação que a avalia em torno de US\$ 8 bilhões antes do investimento. Só esses dois cheques já somam vários bilhões de dólares comprometidos em infraestrutura de mercados preditivos, com selo explícito do establishment financeiro.

Apesar da dianteira clara de Kalshi e Polymarket, isso aqui não é um jogo de dois times só. Uma leva de novas plataformas corre por fora, atacando nichos específicos: protocolos on-chain como Myriad e Opinion, focados em UX cripto nativa e taxas baixas, projetos mais “gamificados” como Predict.fun e players híbridos ou regionais que miram verticais como política, esportes ou eventos corporativos. A fotografia de hoje é de duopólio, mas o pipeline de concorrentes mostra que prediction markets já viraram uma categoria em disputa.

Prediction markets têm tudo para se tornar o primeiro **killer app** verdadeiramente de massa em cripto. Stablecoins já provaram seu valor como infraestrutura de liquidez e para grandes fluxos cross border, mas ainda são muito mais usadas por quem move grandes quantias ou faz gestão relevante de caixa. A aposta em eventos do dia a dia é muito mais intuitiva: todo mundo tem opinião sobre eleição, Copa do Mundo, Oscar, Big Brother, clássico de domingo, seja no nosso futebol ou no futebol americano. Você não precisa entender (ou ter uma opinião sobre) o halving, política monetária ou correlação com ouro para participar, basta ter um palpite e um celular. Se cripto ainda é, para muita gente, uma tese de investimento meio abstrata, prediction markets são o oposto disso: uma interface simples onde cultura, política e esporte viram mercado em tempo real. É aí que mora o potencial de levar o número de usuários cripto da casa das dezenas de milhões para centenas de milhões, rumo ao bilhão.

Mas porque acreditamos que esse cenário vai de fato continuar acelerando? Quais são as vantagens dos mercados preditivos on-chain frente às bets e outras versões centralizadas?

Vamos discutir esses e outros pontos em sequência:

Catalisadores de crescimento para 2026

01. Eventos de grande audiência

A Copa do Mundo de 2026 e eleições presidenciais em diversos países (inclusive no Brasil) devem impulsionar o interesse por mercados preditivos. A experiência de 2024/2025 mostrou que eventos políticos e esportivos respondem por mais de 80% do volume negociado.

02. Regulamentação mais clara

As decisões da Justiça federal no caso Kalshi vs. CFTC, que derrubaram a tentativa da agência de proibir os contratos ligados ao controle do Congresso, sinalizaram que mercados de eventos podem operar dentro do perímetro regulado nos EUA. Não resolveu todas as incertezas, mas reduziu muito o risco jurídico e abriu espaço para produtos estruturados e modelos híbridos, o que tende a atrair cada vez mais investidores institucionais para o segmento.

03. Liquidez global e integração DeFi

Plataformas descentralizadas permitem que especuladores e traders operem em um único livro de ordens global, em vez de mercados isolados por país. O acesso não custodial via carteiras digitais e o uso de stablecoins reduzem fricção de entrada e saída, enquanto a integração com DeFi permite usar posições em mercados preditivos como colateral, participar de pools de liquidez e criar estruturas mais sofisticadas em cima desses mercados, deixando a liquidez mais profunda e o ecossistema mais resiliente.

04. Tecnologia e infraestrutura

Contratos inteligentes e oráculos permitem verificar o resultado dos eventos de forma automática, eliminando intermediários e acelerando os pagamentos. A interoperabilidade com outras redes e a possibilidade de embutir mercados preditivos em aplicativos, bots de mensagem e front-ends ligados a redes sociais ampliam o alcance desses produtos e reduzem o atrito para o usuário final.

05. Adição de novos mercados

Além de política e esportes, começam a surgir mercados de previsão ligados a decisões corporativas, eventos climáticos e entretenimento. Esses nichos têm TAMs (*Total Addressable Market*, ou seja, o tamanho total do mercado) de dezenas ou centenas de bilhões de dólares em gasto anual, mesmo fora do universo cripto. Se uma fração pequena desse fluxo migrar para mercados preditivos, a base de usuários e de capital travado pode crescer de forma exponencial.

06. Uso por IA e mercados de dados

As probabilidades dos eventos servem como entrada para modelos de inteligência artificial, aprimorando previsões financeiras, marketing e pesquisa em tempo real.

Vantagens dos mercados preditivos on-chain em relação às casas de apostas centralizadas

01

Modelo peer-to-peer com incentivos mais alinhados

Nos mercados preditivos on-chain, o preço nasce basicamente da interação entre compradores e vendedores, não de um bookmaker definindo odds com uma margem embutida. A plataforma ou o protocolo cobram taxas de negociação ou de pool, mas não “torcem” contra o usuário: a lógica é de matching entre partes, e não de casa contra apostador. O resultado é que as cotações tendem a refletir, com menos distorção, a probabilidade que o próprio mercado atribui a cada evento.

02

Transparência e confiança

Todas as apostas, posições em aberto e liquidações ficam registradas em blockchain, o que permite auditoria independente e dificulta manipulação de resultado ou de linha do tempo. Nas casas de aposta tradicionais, o usuário precisa confiar na integridade do operador e no sistema interno, que é uma caixa-preta.

03

Acesso global e menos barreiras

Qualquer pessoa com uma carteira digital e acesso à internet pode participar de mercados preditivos on-chain, sem precisar abrir conta em uma casa localizada em um país específico. Já as bets centralizadas precisam seguir restrições locais, KYC pesado e bloqueios geográficos, o que exclui boa parte dos potenciais usuários.

04

Liquidation automática e micropagamentos

Em mercados totalmente on-chain, contratos inteligentes fazem a liquidação assim que o resultado do evento é confirmado pela regra do mercado, liberando os pagamentos de forma automática. Como tudo roda em cripto, é viável apostar valores muito pequenos, algo que em sistemas tradicionais esbarra em custo fixo de operação.

05

Integração com DeFi e novos produtos

Mercados preditivos podem se ligar a outros protocolos e gerar diversos novos produtos, pode-se, por exemplo, usar recibos de apostas como colateral para empréstimos e até mesmo em estratégias automatizadas. Isso permite montar produtos de rendimento baseados em eventos futuros, algo difícil de replicar nas bets centralizadas.

06

Precisão e agregação de informação

Estudos acadêmicos e a experiência prática de mercados como o Iowa Electronic Markets e, mais recentemente, plataformas cripto, mostram que prediction markets conseguem, em muitos casos, produzir probabilidades tão boas quanto ou melhores do que pesquisas de opinião e modelos tradicionais. Quando há liquidez e diversidade de participantes, o preço vira um bom termômetro da informação dispersa na sociedade.

Expectativas de crescimento

Dado o ponto de partida ainda pequeno, as taxas de crescimento recentes e a agenda de eventos de 2026, é razoável trabalhar com três faixas de cenário:

 cenário conservador, em que TVL (Total Value Locked, ou seja, valor total de todos os contratos) regulado somados ficam na faixa de 5 bilhões de dólares

 cenário base, entre 8 e 12 bilhões

 cenário otimista, em que o setor acerta o timing de Copa, eleições e maturação regulatória, e se aproxima de **20 bilhões de dólares** em capital travado e posições em aberto até o fim de 2026

Em todos os casos, estariamos falando de um dos setores de maior crescimento percentual dentro de cripto, partindo de uma base ainda incipiente em 2025.

O que pode dar errado?

01. Regulação variável

Apesar dos avanços, a clareza regulatória permanece incerta. Plataformas como a Polymarket e Kalshi já foram multadas por permitir operações não reguladas; um endurecimento das regras pode reduzir a participação.

02. Liquidez e fragmentação

A liquidez continua concentrada em poucos players. Mercados menores sofrem com falta de liquidez (contraparte), afastando usuários.

03. Risco de manipulação e falhas de oráculos

Vulnerabilidades nos oráculos (aplicações usadas para definir o resultado das apostas) ou ações coordenadas podem distorcer resultados; transparência ajuda, mas não elimina completamente esses riscos.

04. Percepção pública e ética

Apostas sobre eventos sensíveis (catástrofes, mortes, política) podem causar polêmica e levar a restrições, ajustar categorias e regras será essencial.

05. Lobby das bets tradicionais

Casas de aposta centralizadas são players altamente capitalizados, com estrutura de lobby consolidada junto a reguladores, ligas esportivas e governos no mundo todo. Há um risco real de tentativa de “embrulhar” prediction markets na mesma caixinha jurídica das bets, classificando tudo como jogo de azar e empurrando para um regime muito mais restritivo de licenças, tributação e acesso. Se esse enquadramento prevalecer em grandes mercados, especialmente EUA e Europa, parte da inovação pode ser sufocada por exigências incompatíveis com modelos abertos e on-chain, limitando o crescimento do setor ou empurrando atividade para a informalidade ou para o ostracismo.

O que fazer?

Por enquanto, a forma mais direta de se expor a essa tese não é através de um token listado em grandes corretoras, mas sim participando ativamente das plataformas existentes, especialmente as soluções on-chain como Polymarket. Por meio da participação nos mercados é possível que, futuramente, o usuário obtenha tokens ou recompensas conforme esses projetos evoluem. No futuro, à medida que os principais players tokenizem sua governança e atinjam maior maturidade, será possível considerar a listagem desses ativos no MB | Mercado Bitcoin, oferecendo uma forma mais formalizada e acessível de exposição ao setor.

Até lá, o nosso papel é acompanhar de perto métricas de volume, TVL, base de usuários e riscos regulatórios, para identificar quais protocolos realmente se consolidam como infraestrutura e quais são apenas apostas especulativas de curto prazo.



Resumo da tese

A capitalização de mercado total dos mercados preditivos poderá chegar a US\$20 bilhões até o fim de 2026, o que representa um crescimento de mais de 25 vezes em relação a 2025.

05

**Volume negociado por agentes de IA
vai quadruplicar**

Introdução

A tecnologia de IA ainda está na infância, mas já vive um ciclo de investimentos trilionários e de experimentação diária. Quando falamos em agentes de IA, estamos indo além do chat, provavelmente você já usa bastante e que responde perguntas, ajuda com produção de textos entre outros uso. Os agentes são softwares autônomos que combinam modelos de IA com memória, acesso a ferramentas e capacidade de tomar decisões e executar tarefas sozinhos. Em vez de só sugerir ações, eles realmente executam: leem dados, compararam opções, compram serviços, assinam transações.

Nesse contexto, a integração entre IA e blockchains deixa de ser curiosidade e vira próxima etapa natural. Se esses agentes vão contratar serviços, pagar por dados, remunerar outros agentes e receber por tarefas, eles precisam de três coisas que o sistema financeiro tradicional não entrega bem: identidade verificável, histórico público de comportamento e capacidade de fazer micropagamentos globais, 24/7, sem depender de autorizações. É exatamente aí que entram as redes públicas de blockchain e, é claro, as stablecoins. Não por acaso, o próprio governo americano criou o cargo de “Czar de Crypto e AI”, hoje ocupado por David Sacks, deixando explícito que as duas principais tecnologias de infraestrutura deste século já são tratadas em conjunto.

Ainda assim, falta o “killer agent”: aquele agente de IA que resolve um problema concreto de milhões de pessoas e empresas, tão óbvio quanto foi o e-mail na internet ou a planilha na era do PC. É difícil cravar qual será esse agente, mas é razoável supor duas características mínimas:



Será identificável

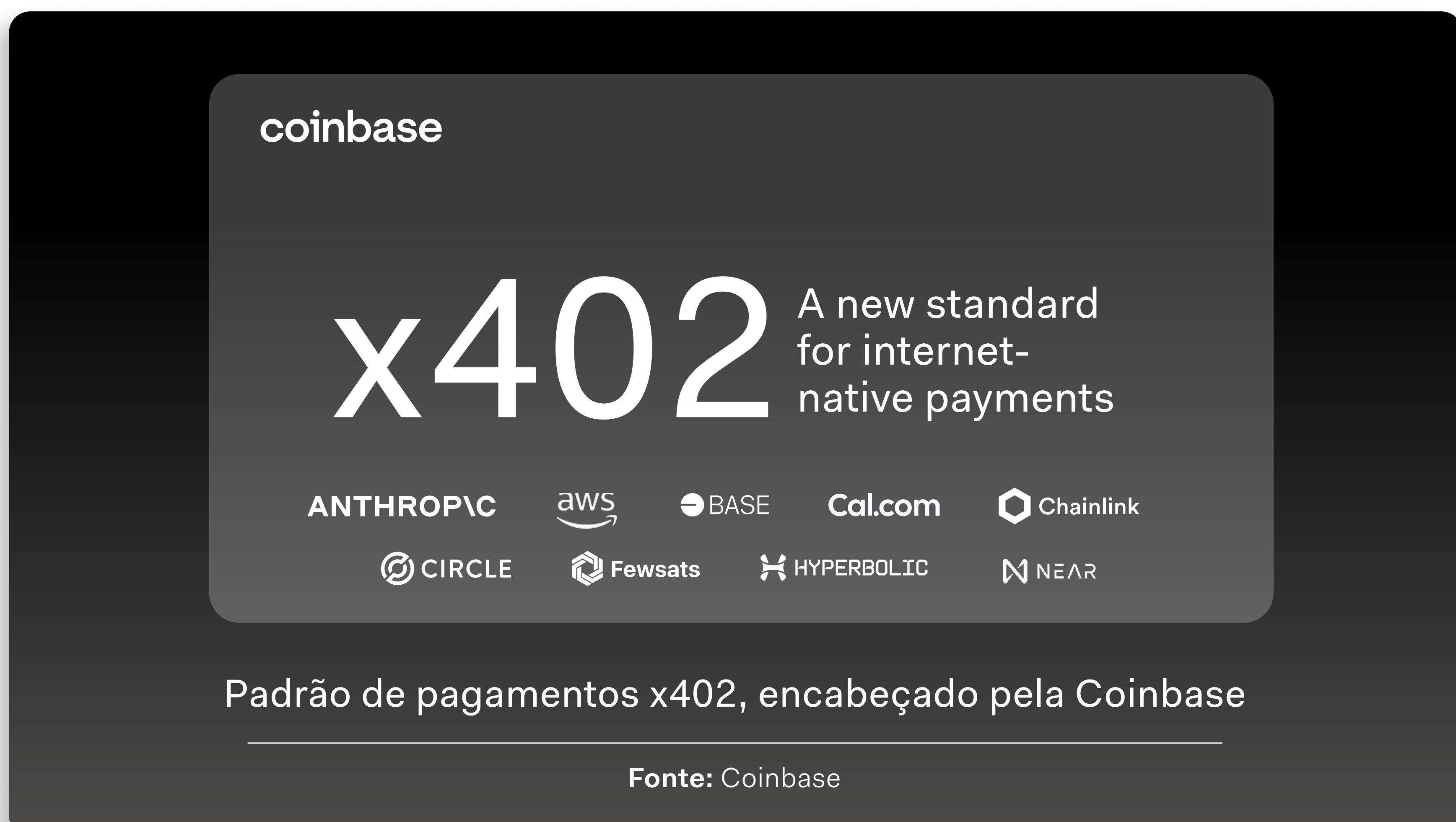
outros agentes e usuários conseguirão verificar seu histórico, reputação e chaves, em um padrão comum;



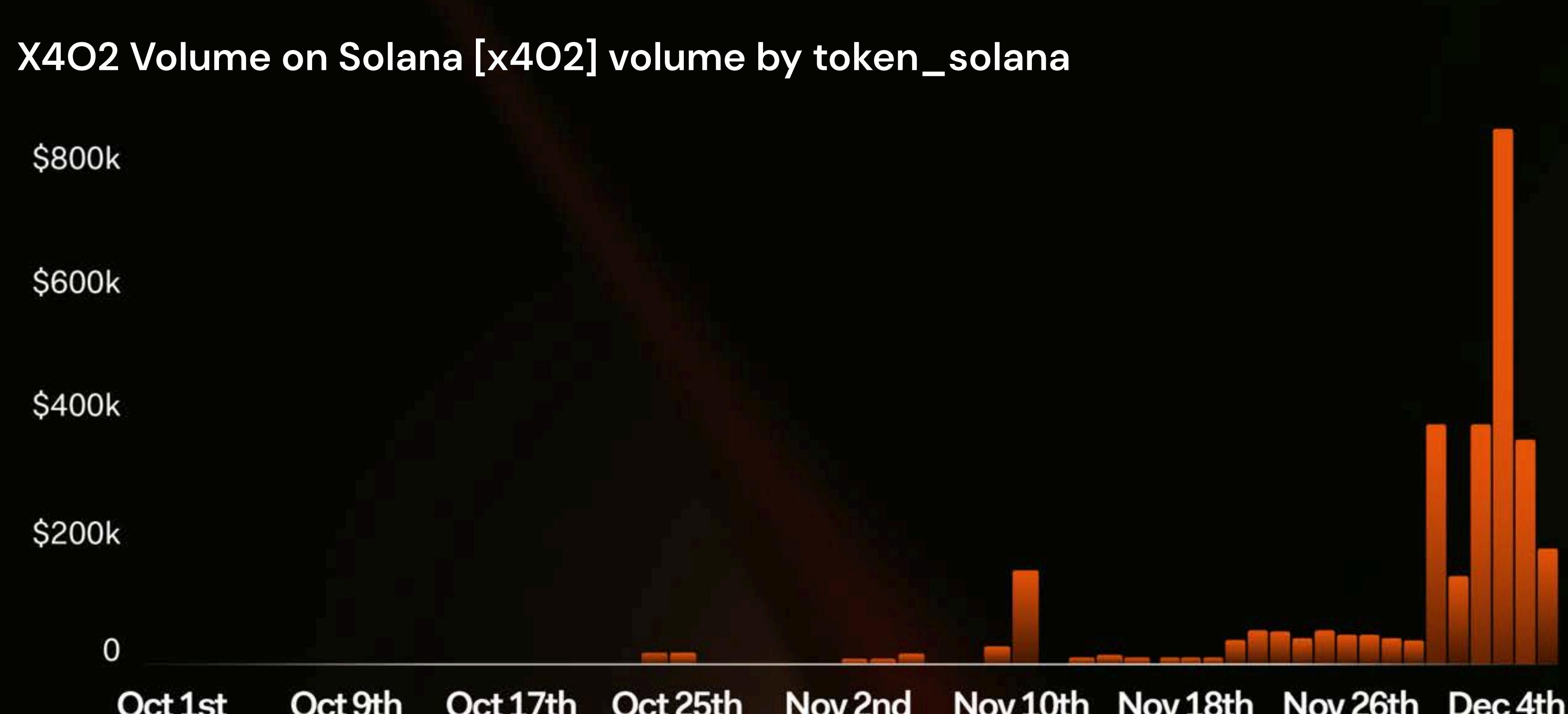
Terá carteira on-chain nativa

capaz de fazer e receber micropagamentos em blockchain, de forma programável.

No fim de 2025, surgiram justamente dois padrões voltados a essas peças básicas de infraestrutura: o x402, que padroniza pagamentos feitos por e para agentes on-chain, e o ERC-8004, um padrão de identificação que permite registrar e referenciar agentes de forma interoperável entre aplicações. Eles ainda estão no começo, mas apontam na direção do que esta tese discute: um mundo em que agentes de IA não só conversam entre si, como transacionam de forma nativa em blockchain.



Da data de escrita deste relatório, os padrões ainda são recentes, com poucos meses de uso em produção. Ainda assim, o x402 já começou a gerar tráfego real: a Solana, por exemplo, reporta **500 mil+ transações semanais** ligadas ao protocolo, com semanas em que o volume diário de pagamentos se aproximou de **US\$ 300–380 mil**.



Volume de pagamentos usando o padrão x402 na Solana

Fonte: Dune

Para fins de tese, usamos como referência uma média diária de ~US\$250–300 mil em pagamentos ligados a agentes de IA via x402 no fim de 2025. Nossa projeção base é que esse número ultrapasse **US\$1 milhão por dia até o final de 2026**, o que implica pelo menos uma quadruplicação do volume médio, em linha com a expansão esperada de casos de uso e de integrações com outros ecossistemas além de Solana.

Casos de uso

Visualizamos diversos casos de uso que poderiam implementar essa tecnologia, e listamos alguns deles abaixo:

01 Caso – Paywall

O protocolo x402 permite a cobrança por artigo com valores muito baixos e liquidação quase instantânea.

- **O que é:** editores podem cobrar micropagamentos por acesso a notícias, eliminando a taxa fixa de plataformas de pagamento e substituindo anúncios.
- **Como funciona:** os leitores pagam com *stablecoins* usando agentes, mantendo privacidade e sem preencher formulários.
- **Benefícios:** o modelo de micropagamento reduz a "fadiga de assinaturas" e amplia o alcance para usuários ocasionais, ao mesmo tempo que remunera a fonte.

02 Caso – Comércio de itens em jogos

- **O que é:** venda de itens virtuais (*skins*, armas) em jogos digitais usando microtransações em *blockchain*.
- **Como funciona:** *blockchains* de baixo custo permitem tokenizar e trocar esses itens por pequenas quantias. Pagamentos em cripto eliminam intermediários e dão posse real dos itens ao jogador. Ferramentas como o x402 garantem liquidação rápida.
- **Benefícios:** transações globais sem atrito, liquidação imediata, transparência de propriedade e micropagamentos que geram novas receitas para desenvolvedores.

03 High-frequency trading (HFT) on-chain

- **O que é:** agentes de IA que fazem market making, arbitragem entre DEXs e gestão automática de posições em redes de alta performance.
- **Como funciona:** esses agentes consomem dados de mercado, pagam por APIs, executam ordens em AMMs e usam padrões como o x402 para remunerar provedores de dados, de liquidez e de infraestrutura em micropagamentos recorrentes.
- **Benefícios:** mais liquidez para as redes, spreads menores para usuários finais e um ciclo em que agentes são remunerados em tempo real conforme entregam liquidez ou informação útil.

04 Micropagamentos para criadores de conteúdo

- **O que é:** modelo de monetização para conteúdo digital (músicas, vídeos, podcasts) onde o criador recebe por cada visualização ou *download*.
- **Como funciona:** permite que pequenos criadores gerem renda e monetizem nichos. Consumidores pagam apenas pelo que consomem (ex: US\$0,25 por episódio de podcast). Agentes de IA podem automatizar o pagamento.
- **Benefícios:** inclusão de pequenos criadores, diversificação de renda e liberdade de consumo para o usuário.

05 Serviços diversos: assistentes e marketplaces de agentes

- **O que é:** agentes de IA que fornecem serviços sob demanda (assistência virtual, processamento de dados), cobrando microtaxas.
- **Como funciona:** o agente “Butler”, da Virtuals, funciona como um concierge. Ele recebe uma ordem, entende e a roteia para diversos outros agentes, agregando seus custos para então cobrar tudo em stablecoin de uma só vez.
- **Benefícios:** automação de tarefas complexas, liquidação segura e auditável via *blockchain*. O uso de padrões (ex: ERC-8004) aumenta a interoperabilidade e confiança nos agentes.

Essas são apenas algumas das **muitas** possibilidades, destravando um valor imenso para as redes, os agentes e os blockchains.

O que pode dar errado?

Apesar do grande potencial de crescimento da integração entre IA e blockchain, alguns fatores de risco podem impedir que o volume de pagamentos por Agentes de IA On-chain atinja a meta de US\$1 milhão até o final de 2026:

O1. Regulamentação Desfavorável

Uma regulamentação global restritiva, especialmente em relação ao uso de *stablecoins* ou à identificação e operação de Agentes de IA em blockchains, poderia criar atritos significativos e retardar a adoção em massa. A falta de clareza regulatória pode inibir grandes empresas e

O2. Falta de um *killer agent*

A tese depende da emergência de Agentes de IA que resolvam um problema real e se tornem indispensáveis (*killer agents*). Se a tecnologia não evoluir o suficiente para criar uma aplicação amplamente utilizada e de alto valor, o volume de transações pode estagnar.

O3. Concorrência de Soluções *Off-chain*

Soluções de pagamento centralizadas e *Off-chain* podem se adaptar rapidamente e oferecer taxas ou experiências de usuário superiores. Se as blockchains não conseguirem reduzir os custos de transação (gás) e aumentar a escalabilidade de forma competitiva, os micropagamentos podem permanecer predominantemente fora da cadeia.

O que fazer?

Gostou do tema e busca exposição aos ativos?

A cesta inteligente de IA do Mercado Bitcoin é uma opção muito interessante para estar exposto ao segmento de forma direta, rápida e fácil. Essa cesta conta somente com ativos do segmento, avaliados pela equipe de Research e com rebalanceamento periódico.

Também é possível a exposição a ativos de IA nas cestas Intermediária, Avançada e de Altcoins. O investidor pode, ainda, comprar diretamente os tokens da cesta e do segmento, como por exemplo, **VIRTUAL**, maior plataforma de lançamento de agentes de AI e nosso criptoativo predileto nessa tese.



Resumo da tese

A média do volume diário negociado por Agentes de AI On chain, por meio do protocolo x402, vai pelo menos quadruplicar (> US\$1 milhão) no próximo ano.

06 Volume em ativos tokenizados vai aumentar em 200%

Introdução

Tokenização é, em essência, transformar um ativo do mundo real em um “pedaço” digital registrado em blockchain. Esse token passa a representar os direitos econômicos daquele ativo: fluxo de caixa, garantias, prioridade de pagamento, participação em um projeto ou combinação disso tudo.

Os RWAs (Real World Assets) são justamente esses ativos do mundo real depois de tokenizados. A tokenização é o **como**; RWA é o **que**. A ideia central é simples: pegar mercados tradicionais cheios de fricção (imóveis, crédito, títulos públicos, fundos) e reempacotar em unidades digitais fracionáveis, negociáveis 24/7, com liquidação rápida e trilha de auditoria on-chain.

Sem blockchain, esse modelo voltaria a depender de sistemas fechados e registros que podem ser alterados, o que reduz confiança e liquidez. Com blockchain, a negociação, a liquidação e o histórico de propriedade ficam imutáveis e públicos (mesmo que os dados de KYC - *Know Your Client* - estejam off-chain). No fundo, são soluções híbridas, parte on-chain, parte off-chain.

Dentro desse guarda-chuva, alguns projetos viraram referência de infraestrutura:



ONDO:

Tokens lastreados em títulos de renda fixa dos EUA, dando acesso a yields em dólar via blockchain.



Chainlink

Camada de dados (oráculos) que conecta o mundo off-chain à blockchain, usada como “cola” para muitos RWAs.



Hedera, Avalanche, Plume e Rootstock

redes e sub-redes focadas em governança, certificação e emissão de RWAs em escala institucional.

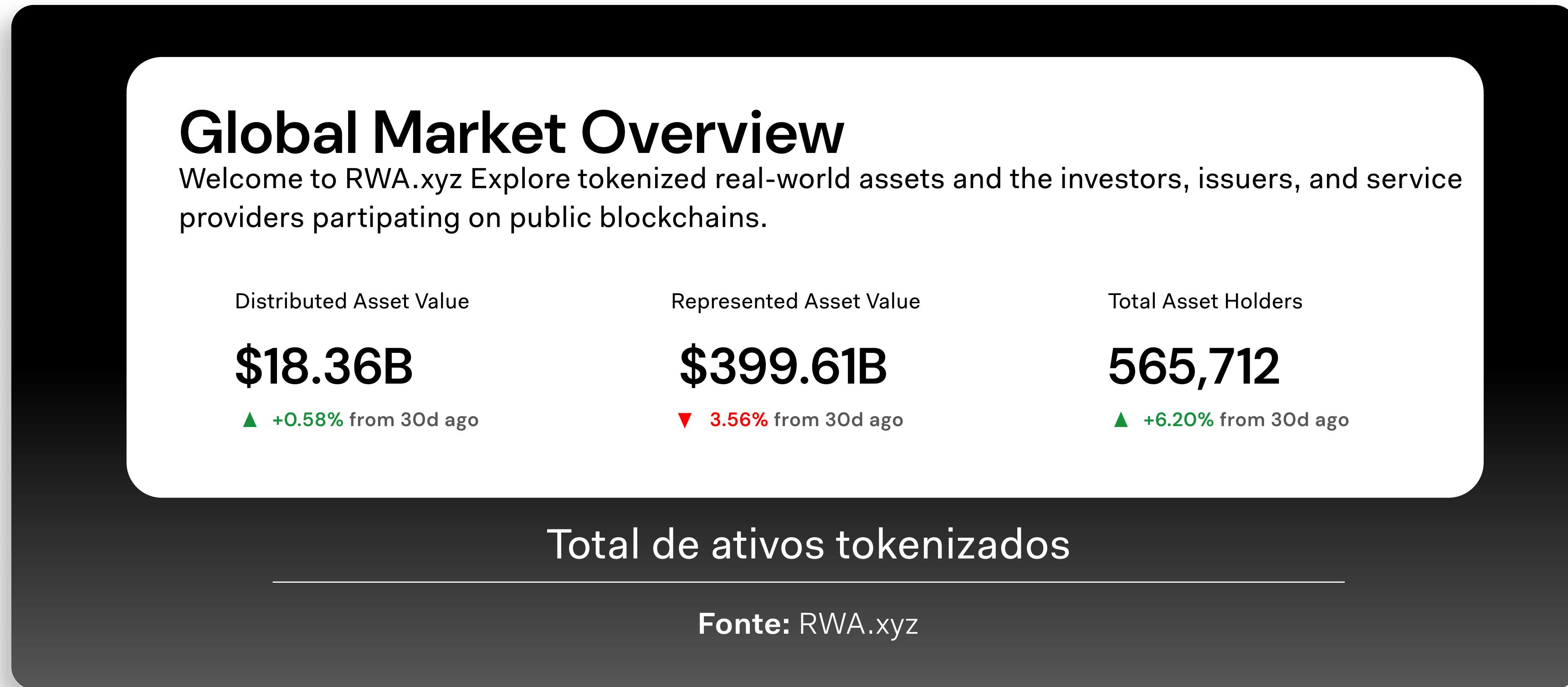


Stellar e Ripple/XRPL

redes originalmente pensadas para pagamentos e remessas internacionais, que agora disputam também o fluxo de RWAs, especialmente em mercados emergentes onde já têm forte presença.

Todos atacam o mesmo vetor: digitalizar ativos tradicionais com menos intermediários e mais previsibilidade operacional.

Adoção e ambiente regulatório (mundo)



Em 2025, a curva de adoção de RWAs claramente mudou de inclinação. Grandes gestoras começaram a tratar blockchain como infraestrutura de fato.

- A BlackRock lançou o fundo tokenizado BUIDL e ele rapidamente se tornou um dos produtos on-chain que mais crescem em ativos, ancorado em títulos de renda fixa em dólar.
- A Franklin Templeton seguiu ampliando seus programas de títulos tokenizados e fundos on-chain.
- HSBC e Standard Chartered iniciaram pilotos de emissão e liquidação de ativos diretamente em blockchain, sobretudo em redes permissionadas.

Do lado regulatório:

- A União Europeia expandiu o DLT Pilot Regime, permitindo volumes maiores em infraestruturas baseadas em blockchain para negociação de títulos.
- Nos Estados Unidos, reguladores passaram a aceitar blockchain como meio válido de registro e transferência de certos ativos, destravando projetos que estavam em compasso de espera por falta de clareza jurídica.

No agregado, segundo dados compilados em RWA.xyz, o valor de ativos do mundo real tokenizados e circulando on-chain saiu de algo em torno de **US\$ 6 bilhões** para **US\$ 18,1 bilhões** entre 2024 e 2025 – um salto de cerca de 200% em um único ano, ainda em cima de uma base relativamente pequena.

Zoom Brasil: Renda Fixa Digital no MB

No Brasil, 2025 também marcou um ponto de virada. Categorias como crédito privado e recebíveis ganharam espaço na tokenização, com o MB | Mercado Bitcoin como líder inconteste em Renda Fixa Digital.

O cardápio típico de Renda Fixa Digital do MB oferece:

01 Crédito corporativo / estruturado

- Tokens lastreados em CCBs, debêntures, notas comerciais ou cotas de FIDC.
- Usados para financiar empresas, fintechs, originadores de crédito etc.
- Em geral, indexados a CDI (CDI + spread) ou IPCA + spread, com prazos típicos de 12 a 48 meses.

02 Recebíveis e crédito pulverizado

- Tokens atrelados a carteiras de consignado, recebíveis de cartão, boletos, serviços recorrentes, agronegócio ou energia solar, via estruturas de securitização.
- A lógica: o investidor do token “compra” o direito de receber fluxos de pagamento futuros daquela carteira.

03 Renda Variável Digital (componente de equity)

- Ainda que fora da “Renda Fixa Digital”, ajuda a contextualizar: tokens que representam participação em projetos, receitas futuras (ex: esportes, entretenimento) ou quotas de veículos de investimento.

Em comum, esses produtos têm:

- **Lastro definido:** cada token está vinculado a um ativo ou carteira específica, com documentos jurídicos e fluxos mapeados.
- **Tíquete mínimo baixo:** tipicamente a partir de R\$ 100, o que abre uma classe de operações que antes só fazia sentido para tickets de centenas de milhares de reais.
- **Liquidação e registro em blockchain:** facilita acompanhamento, auditoria de saldos e, potencialmente, negociação secundária.

Historicamente, produtos dessa classe têm trabalhado com spreads relevantes sobre o CDI (algo na casa de CDI + 3% a +8% ao ano, dependendo de risco, prazo, garantias e estrutura). Isso não é promessa de retorno, é uma fotografia de como o mercado de crédito estruturado brasileiro costuma especificar risco: crédito privado precisa pagar um prêmio significativo em relação à taxa básica.

Juros Brasil 2026: por que isso importa para RWAs

As projeções mais recentes do Boletim Focus indicam que o mercado enxerga 2026 com taxa Selic em trajetória de queda em relação a 2024–2025, mas ainda em patamar positivo em termos reais, com inflação convergindo para algo próximo da meta. Em outras palavras: o ciclo de aperto monetário ficou para trás, mas o Brasil deve continuar sendo um país de juros reais relevantes, ainda que menores do que aqueles dois dígitos que marcaram a virada de 2022/2023.

Esse cenário é particularmente importante para RWAs e, em especial, para a Renda Fixa Digital do MB. Com a Selic mais baixa, o “CDI de prateleira” perde parte do encanto que teve nos últimos anos, e o investidor tende a buscar ganho adicional via prêmio de crédito, diversificação setorial e alongamento moderado de prazo. É exatamente nesse espaço que entram os títulos de crédito tokenizados: eles permitem capturar spreads acima do CDI em operações estruturadas, com tíquete mínimo baixo, liquidação mais ágil e acompanhamento em tempo real via blockchain. No ecossistema do Mercado Bitcoin, a Renda Fixa Digital já é, na prática, a frente de RWAs mais tangível para o investidor pessoa física. Os produtos tokenizados costumam envolver operações de crédito lastreadas em recebíveis, imóveis, agronegócio ou capital de giro corporativo, com diferentes perfis de risco e duration. A lógica é a mesma da renda fixa tradicional — risco de crédito, prazo, garantias, rating, covenant — mas com três vantagens claras: acesso (a partir de cerca de R\$ 100 por operação), transparência (rastros on-chain de emissão e liquidação) e possibilidade de montar carteiras mais diversificadas com pouco capital.

Se o cenário de Focus para 2026 se confirmar — juros nominais mais baixos, inflação mais comportada e busca crescente por retorno real acima do CDI — a combinação “RWAs + blockchain” tende a ficar ainda mais interessante: o investidor deixa de olhar só para o cupom e passa a olhar para como aquele fluxo é originado, registrado e pago. Para quem quer capturar o prêmio de crédito em um ambiente de juro real mais civilizado, a Renda Fixa Digital do MB é, na prática, a porta de entrada natural para a tese de tokenização no Brasil.

Conclusão

Entre 2024 e 2025, o valor total de ativos do mundo real tokenizados e circulando on-chain avançou de cerca de US\$ 6 bilhões para US\$ 18,1 bilhões, um salto de 200% que refletiu:

- entrada de gestores globais (BlackRock, Franklin Templeton) em fundos tokenizados;
- pilotos de bancos globais em liquidação de títulos em blockchain;
- amadurecimento da infraestrutura de dados e oráculos (Chainlink e afins);
- expansão de produtos locais como a Renda Fixa Digital no Brasil, usando blockchain como trilha de auditoria e liquidação.

O que pode dar errado?

Os riscos que podem impedir essa trajetória de crescimento do mercado são, principalmente:

01. Aperto regulatório em tokenização e lastro

Se reguladores passarem a exigir estruturas de custódia mais complexas, segregações adicionais de lastro ou camadas intermediárias para liquidação, parte do ganho de eficiência some e o custo da operação sobe. A tokenização continua, mas o delta de eficiência diminui.

02. Ambiente macro adverso / retração de crédito

Tokenização não cria crédito do nada. Se a economia desacelerar forte, emissões de debêntures, FIDCs e operações de crédito diminuem, reduzindo o universo de ativos que podem ser tokenizados. Em ciclos de estresse, originação cai e o pipeline seca.

03. Migração para redes fechadas

Se grandes players decidirem operar apenas em blockchains permissionadas e consórcios fechados, parte relevante desse volume pode “sumir” das métricas públicas on-chain. O mercado de RWAs cresce, mas o número que você vê em dashboards públicos cresce menos do que poderia.

04. Risco de crédito e de estrutura

Em Renda Fixa Digital, o investidor carrega risco de crédito real. Casos de inadimplência mal geridos, estruturas mal amarradas ou problemas de governança em originadores podem gerar perdas e arranhar a confiança na classe, freando a adoção.

O que fazer?

O MB | Mercado Bitcoin é o maior player de tokenização da América Latina e um dos cinco maiores do mundo, segundo a [rwa.xyz](#). A oferta de ativos tokenizados é contínua, são mais de 500 ofertas e um volume tokenizado superior a R\$ 1,6 bilhões.

Se você deseja conhecer em detalhes como esses produtos funcionam dentro do ecossistema MB e avaliar as oportunidades disponíveis para investir, [clique aqui](#) para acessar a lista completa. Ao mesmo tempo, faz sentido olhar não só para os **ativos tokenizados**, mas também para as **infraestruturas que tornam essa tokenização possível**. Protocolos e blockchains como ONDO (títulos de renda fixa em dólar on-chain), Chainlink (oráculos para RWAs), Avalanche, Hedera, Stellar e Ripple vêm se posicionando como camadas de base para emissão, liquidação e verificação de ativos do mundo real em blockchain.



Resumo da tese

O volume total de ativos tokenizados no mundo vai aumentar em 200%, ultrapassando a marca de US\$54 bilhões.

Fabrício Tota

Fabrício Tota é VP de Negócios Cripto do MB. Desde 2018 na companhia, liderou iniciativas nas mesas de operações, em tokenização e no desenvolvimento de mercados, com atuação mais recente de forma transversal em temas estratégicos do universo cripto.



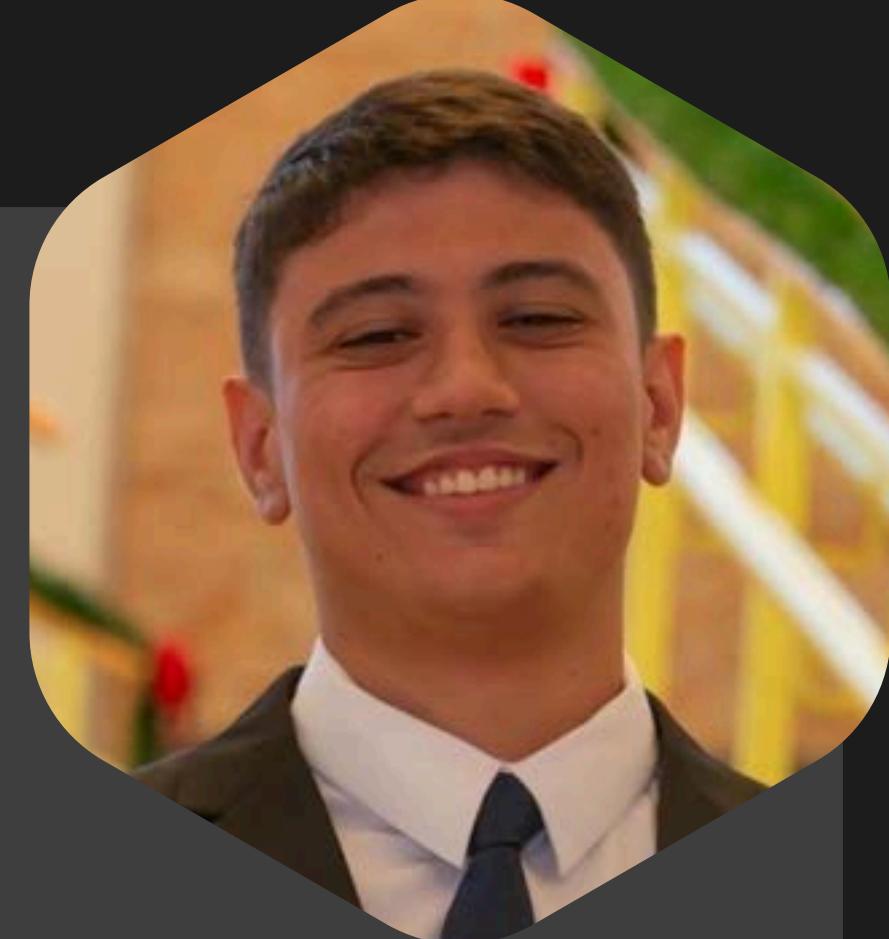
É colunista do Estadão E-Investidor e uma das principais referências em cripto no Brasil, atuando na ponte entre o mercado financeiro tradicional e a infraestrutura blockchain. Também é board member da BRL1 e membro do conselho editorial do Portal do Bitcoin, trazendo para o ecossistema cripto sua experiência de mais de 20 anos no mercado financeiro tradicional.

Rony Szuster

Rony é Engenheiro Químico com pós-graduação em Engenharia de Software, imerso no mercado cripto desde 2019 foi contribuidor do Messari Hub de 2021 a 2022. Começou como analista no MB em 2022 e desde 2025 é o Head de Research do Mercado Bitcoin.

**Pedro Fontes**

Pedro é graduando em economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e finalista do CFA Challenge Brasil, começou sua jornada no mercado cripto em 2021, trabalhando na área de tokenização de carteiras de investimento. Atualmente integra a equipe de analistas de criptoativos do Mercado Bitcoin.

**Vanessa Oliveira**

Vanessa Oliveira cursa gestão financeira e está no mercado de criptoativos há 5 anos, é analista técnica e fundamentalista. Já participou como palestrante nos principais eventos de criptomoedas. Hoje atua como estagiária na equipe de Research no Mercado Bitcoin.



Fontes

**D1**

O Bitcoin alcançará ao menos 14% do mercado do ouro

<https://companiesmarketcap.com/gold/marketcap/>

<https://coinmarketcap.com/currencies/bitcoin/historical-data/>

<https://www.gold.org/goldhub/data/how-much-gold>

<https://static.poder360.com.br/2025/07/bitcoin-etfs-a-new-era-of-access-black-rock.pdf>

<https://bitcointreasuries.net/>

<https://www.gold.org/goldhub/research/gold-demand-trends/gold-demand-trends-full-year-2024>

<https://www.coingecko.com/pt-br>

D2

Stablecoins alcançarão meio trilhão de dólares

<https://defillama.com/stablecoins>

<https://www.imf.org/-/media/files/publications/fandd/article/2025/09/fd-september-2025.pdf>

<https://www.imf.org/-/media/files/publications/dp/2025/english/usea.pdf>

<https://www.mckinsey.com/industries/financial-services/our-insights/the-stable-door-opens-how-tokenized-cash-enables-next-gen-payments>

<https://www.congress.gov/bill/119th-congress/senate-bill/1582>

https://www.richmondfed.org/banking/banker_resources/news_flash/2025/20251118_genius_act

<https://gam3s.gg/pt-BR/news/o-que-e-o-genius-act/>

<https://youtu.be/EEDZgbF1LQM>

D3

ETFs de altcoins atrairão US\$10 bilhões

<https://farside.co.uk/sol/>

<https://www.theblock.co/xrp-etf-live-chart>

<https://xrp-insights.com/>

D4

Mercados Preditivos será o setor de maior crescimento

<https://defillama.com/protocols/prediction-market>

<https://messari.io/report/enabling-leverage-on-prediction-markets>

<https://www.kalshidata.com/>

<https://metamask.io/prediction-markets>

Fontes

**D5**

Volume negociado por Agentes de IA vai quadruplicar

https://dune.com/hashed_official/x402-analytics

<https://www.youtube.com/watch?v=Xsp5RWqibTo>

<https://docs.cdp.coinbase.com/x402/core-concepts/how-it-works>

<https://blog.onemint.io/unlock-instant-ai-powered-payments-today-with-x402>

<https://www.x402.org/>

D6

Volume em ativos tokenizados vai aumentar em 200%

<https://br.tradingview.com/>

<https://www.fnondon.com>

<https://apnews.com>

<https://www.coindesk.com>

<https://www.sec.gov>

<https://m.economictimes.com>

<https://ondo.finance>

<https://chain.link>

<https://hedera.com>

<https://avax.network>

<https://app.rwa.xyz/>